

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
CAMPUS LITORAL NORTE**

DOUGLAS WESLEY PIRES SARMIENTO

**O PAPEL DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO POPULAR:
REFLEXÕES ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE UM
PRÉ-VESTIBULAR POPULAR**

**TRAMANDAÍ
2023**

DOUGLAS WESLEY PIRES SARMIENTO

**O PAPEL DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO POPULAR:
REFLEXÕES ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE UM
PRÉ-VESTIBULAR POPULAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline de Lima Rodrigues.

**TRAMANDAÍ
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Sarmiento, Douglas Wesley Pires

O PAPEL DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO POPULAR: REFLEXÕES
ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE UM
PRÉ-VESTIBULAR POPULAR / Douglas Wesley Pires
Sarmiento. -- 2023.

62 f.

Orientadora: Aline de Lima Rodrigues.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2023.

1. Educação popular. 2. geografia. 3. narrativas.
4. pré-vestibular popular. I. Rodrigues, Aline de
Lima, orient. II. Título.

DOUGLAS WESLEY PIRES SARMIENTO

**O PAPEL DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO POPULAR:
REFLEXÕES ATRAVÉS DAS NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE UM
PRÉ-VESTIBULAR POPULAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Aline de Lima Rodrigues.

Banca examinadora

Profa. Dra. Aline de Lima Rodrigues - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Profa. Dra. Lucimar de Fátima dos Santos Vieira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Profa. Dra. Cristiane Maciel de Souza Andrade
Professora da rede privada e professora substituta no Depto. de Geociências
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

AGRADECIMENTOS

É aqui que, por um momento, eu sou estudante também e narro uma parte da minha trajetória de vida. Li e ouvi diversas vezes que os agradecimentos devem ser breves, mas como isso é possível? Sou quem eu sou e estou onde estou hoje, a pessoa que escreveu esse trabalho, graças a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida.

Quero agradecer primeiramente a minha mãe Vera Lucia Sarmiento Freitas (*In memorian*), que sempre me apoiou e me motivou em relação aos estudos, desde a alfabetização até o ensino superior. Você partiu cedo demais, gostaria que você estivesse presente aqui comigo nesse momento tão importante. Sinto muito sua falta, te amo.

Agradeço também ao restante da minha família que esteve comigo durante minha trajetória de vida e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho; ao meu pai Danubio, à minha madrasta Rosely, ao meu irmão Pablo, à Alice, ao Nicollas, à Ângela e à Vitória.

Quero agradecer aos meus amigos e amigas, eu não seria nada sem vocês. Compartilhamos risadas, alegrias, angústias, ambições, quartos, casas, ressacas e tudo que se pode imaginar. Como diria Rina Sawayama, *you are my chosen family* (e eu não poderia ter escolhido melhor):

Agradeço à Karen Dufloth por ser uma verdadeira irmã pra mim e estar ao meu lado em todos os momentos. Por todo apoio e ajuda nos trabalhos acadêmicos (inclusive esse TCC!) e no planejamento de aulas. Pelo convite de morar juntos e aturar eu (com minhas caricatures) e meu gato, quase 24 horas por dia. Serei eternamente grato por tudo que você já fez por mim e por todos os momentos compartilhados.

Agradeço ao Patrique Santos dos Santos por também estar do meu lado sempre. Pelas madrugadas afora que passamos filosofando sobre a vida, fofocando e jogando *Valorant* ou *League of Legends*. Por trazer arte à minha vida. Você também já presenciou os meus melhores e piores momentos e sempre continuou ao meu lado. Obrigado por tudo, amigo.

Agradeço ao Lenon Audibert Cisco por me apresentar ao Campus Litoral Norte e por ter dividido tantas casas comigo durante a graduação. Por todas as partidas de Pokémon Showdown e Pokémon TCG e, também, por ter insistido que eu visse *Neon Genesis Evangelion*.

Agradeço a Jéssica Moraes por ser a minha amizade mais duradoura (mesmo eu demorando horrores pra responder!) e sempre me apoiar. Do Segundão pra vida, né?

Quero agradecer à família Dufloth que me acolheu como um filho e não me ofereceu só uma casa, mas um lar. Karen Dufloth (olha você aí de novo!) Ana Dufloth, Bianca Dufloth, Rafael Muller, Priscila Dufloth e Miguel Dufloth, obrigado por todo o carinho.

Quero agradecer também à Nicole Bertotti, Cristiane Tuset, Alessandra Vargas, Daniela Fonseca e Valdionor Dada não só por me auxiliarem na burocracia toda da UFRGS e todo apoio durante a graduação, mas principalmente pelo vínculo afetivo construído durante esses anos.

Quero agradecer à minha orientadora Aline de Lima Rodrigues, que aceitou construir esse trabalho comigo, que entendeu o meu tempo e me proporcionou conhecimentos essenciais para esse trabalho e para a minha formação como docente.

Agradeço também a professora Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, que me indicou o artigo que me mostrou que era possível construir uma pesquisa a partir de todas as dúvidas que eu tinha como educador popular e aceitou ser parte da banca examinadora deste trabalho..

Agradeço aos demais professores e professoras da Geografia e do Campus Litoral Norte, pelas aulas, pelas discussões e principalmente pelos conflitos que formaram o professor que sou hoje.

Agradeço à professora Cristiane Maciel de Souza Andrade por também aceitar fazer parte da banca examinadora deste trabalho, dedicando o seu tempo e conhecimento para me auxiliar na construção de um trabalho melhor.

Agradeço à professora Silvia de Lima Aquino, do Desenvolvimento Regional, que eu tive a alegria de reencontrar durante esse meu último semestre em uma disciplina eletiva e que me mostrou outros desdobramentos para essa pesquisa e outros questionamentos meus.

Preciso agradecer ao meu gato Haku, apesar de ele me acordar todo dia mais cedo que o necessário! Esse pestinha me adotou em tempos de isolamento e solidão e me fez (e ainda faz) companhia. Vou te dar muito sachê ainda.

Agradeço à ONGEP por abrir esse espaço que, sendo bem sincero, deu um propósito para a minha vida. É clichê, mas foi dentro da sala de aula, nas reuniões e assembleias que eu me reconheci como professor, como educador popular e como parte de algo maior. A luta por uma educação popular emancipatória é o que me faz seguir adiante.

Falando em ONGEP, agradeço especialmente aos professores e professoras do Núcleo de Geografia e que já passaram por ele. Principalmente à Karina Lima, Raphael Carriconde, Lucas Lemos e Luciano Cardone, obrigado por acreditarem em mim e pela construção coletiva desse trabalho.

Não poderia deixar de agradecer às minhas turmas da ONGEP, principalmente à quem participou deste trabalho, por todos os momentos em aula, fora dela e nesta pesquisa. Só sou educador popular porque vocês estão comigo nessa.

Agradecer à Universidade Federal do Rio Grande do Sul que me proporcionou conhecimentos e experiências em ensino, pesquisa, extensão e para além também. Pelos programas de bolsa e permanência estudantil, sem eles eu não estaria aqui hoje.

Por último, gostaria de agradecer a todos e todas camaradas do Movimento Estudantil do Campus Litoral Norte da UFRGS. Este trabalho foi finalizado durante o momento histórico de reivindicação do espaço da antiga Colônia de Férias da UFRGS em Tramandaí como moradia estudantil. Esse momento reafirmou meus compromissos por uma educação pública, popular e de qualidade. A luta ainda não acabou!

“O que um educador faz no ensino é tornar possível que os estudantes se tornem eles mesmos”.

Paulo Freire

RESUMO

A prática de ensino de uma educação considerada popular tem como base a construção de conhecimento a partir da realidade do e da estudante. Essa compreensão da realidade expande a sua perspectiva de mundo, permitindo a identificação e apropriação do seu lugar no espaço e contribuindo para uma formação cidadã. Os pré-vestibulares populares (PVPs), além de fortalecerem o ingresso de classes populares ao ensino superior, também carregam o compromisso com a consolidação da noção e compreensão de cidadania para além da aprovação em vestibulares. Desta forma, considerando a Geografia como uma ciência que estuda o espaço e que está presente como disciplina nos PVPs, procurou-se responder as seguintes questões: qual o papel da Geografia na educação popular? Qual o seu papel em um PVP? O que os e as estudantes pensam da aula de Geografia? Qual a importância da Geografia em suas vidas? Será que entendem a Geografia apenas como mais uma disciplina que deve ser estudada para obter aprovação no vestibular ou será que a Geografia atua para a sua formação cidadã? Em termos metodológicos, a pesquisa utilizou como ferramenta de estudo as narrativas de estudantes do pré-vestibular popular da Organização Não-Governamental para a Educação Popular (ONGEP), buscando compreender a relação dos e das estudantes com a instituição (afinal, como os e as estudantes entendem sua relação com a ONGEP?) e como o ensino de Geografia oferecido por essa instituição se faz presente em suas vidas. É através das narrativas dos e das estudantes que o papel da Geografia na educação popular torna-se evidente, possibilitando a reivindicação de sua cidadania para a transformação do espaço.

Palavras-chave: Educação popular, geografia, narrativas, pré-vestibular popular.

ABSTRACT

The teaching practice of an education considered popular is based on the construction of knowledge based on the reality of the student. This understanding of reality expands their world perspective, allowing the identification and appropriation of their place in space and contributing to a citizenship formation. The pre-entrance exam popular courses (PVPs), in addition to strengthening the admission of popular classes to higher education, also carry the commitment with the consolidation of the notion and understanding of citizenship beyond the approval in entrance exams. In this way, considering Geography as a science that studies space and that is present as a discipline in the PVPs, an attempt was made to answer the following questions: what is Geography's role in popular education? What is its role in a PVP? What do the students think of the Geography class? Do they understand Geography as just another discipline that must be studied to pass the entrance exam or does Geography act for their citizenship formation? In methodological terms, this research used as a study tool the narratives of students of the pre-entrance exam popular course of the Non-Governmental Organization for Popular Education, seeking to understand the relationship between the students and the institution (after all, how does the students understand their relationship with ONGEP?) and how the teaching of geography offered by this institution is present in their lives. It is through the students' narratives that the role of Geography in popular education becomes evident, enabling the claim of their citizenship for the transformation of space.

Keywords: Popular education, geography, narratives, pre-entrance exam popular courses.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Contextualização dos direitos civis, políticos e sociais de acordo com Carvalho (2001)	16
Quadro 2: Organização institucional da ONGEP	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD	Ensino à Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IML	Instituto Médico Legal
MST	Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
ONGEP	Organização Não-Governamental para a Educação Popular
PV	Pré-Vestibular Privado
PVNC	Pré-Vestibular para Negros e Carentes
PVP	Pré-Vestibular Popular
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIPAMPA	Universidade Federal do Pampa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. EDUCAÇÃO POPULAR, GEOGRAFIA E CIDADANIA	13
2.1 Educação Popular	13
2.2 Geografia e Cidadania	16
2.3 Os Pré-Vestibulares Populares	18
2.3.1 A ONGEP	20
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	23
4. NARRATIVAS DOS E DAS ESTUDANTES: HISTÓRIAS DE VIDA CONTADAS	25
4.1 Planetas Que Orbitam a ONGEP	25
4.1.1 Quem é Saturno?	25
4.1.2 Quem é Netuno?	26
4.1.3 Quem é Marte?	27
4.1.4 Quem é Vênus?	27
4.1.5 Quem é Júpiter?	28
4.2 A Geografia Escolar	28
4.2.1 A Narrativa de Saturno	28
4.2.2 A Narrativa de Netuno	29
4.2.3 A Narrativa de Marte	30
4.2.4 A Narrativa de Vênus	31
4.2.5 A Narrativa de Júpiter	32
4.3 A ONGEP e a Educação Popular	32
4.3.1 A Narrativa de Saturno	33
4.3.2 A Narrativa de Netuno	34
4.3.3 A Narrativa de Marte	37
4.3.4 A Narrativa de Vênus	38
4.3.5 A Narrativa de Júpiter	39
4.4 O Papel da Geografia na Educação Popular	40
4.4.1 A Narrativa de Saturno	40

4.4.2 A Narrativa de Netuno	43
4.4.3 A Narrativa de Marte	45
4.4.4 A Narrativa de Vênus	46
4.4.5 A Narrativa de Júpiter	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

1. INTRODUÇÃO

A educação popular, feita pelo e para o povo, tem como caráter fundamental seu papel transformador e libertador na vida de quem aprende e de quem ensina. Para que a prática de uma educação popular seja libertadora, ela deve envolver a realidade dos sujeitos que fazem parte deste processo. É a partir da compreensão da sua realidade que um indivíduo ou um coletivo poderá transformá-la.

Porém, qual o papel da Geografia na educação popular? Ou, mais precisamente, qual o seu papel em um pré-vestibular popular? A partir destas indagações, surge a necessidade de compreender melhor quais são e como se dão as responsabilidades da Geografia neste espaço de educação. Silva (2015) traz uma excelente perspectiva dos compromissos da Geografia nos pré-vestibulares populares através de relatos de docentes, destacando-se o comprometimento com a alfabetização geográfica e a formação cidadã. Afinal, é essencial que o ensino de Geografia no contexto de uma educação popular proporcione não só o reconhecimento do espaço, mas que a pessoa se reconheça no espaço para que possa transformá-lo.

Entretanto, para responder às perguntas iniciais, não basta entendermos como as nossas aulas são construídas a partir daquilo que compreendemos que é importante como docentes, é preciso entender também os e as estudantes. Florescem outras perguntas, o que os e as estudantes pensam da aula de Geografia? Qual a importância da Geografia em suas vidas? Será que entendem a Geografia apenas como mais uma disciplina que deve ser estudada para obter aprovação no vestibular ou será que a Geografia atua para a sua formação cidadã? Afinal, os compromissos da Geografia em um pré-vestibular popular estão sendo cumpridos?

Essas dúvidas surgem a partir do meu ingresso, no ano de 2021, como professor do Núcleo de Geografia da Organização Não-Governamental para a Educação Popular (ONGEP). Inicialmente, busco a instituição por dois motivos fundamentais: adquirir experiência na docência e retribuir à sociedade o investimento na minha formação. É na vivência dentro da instituição que o compromisso com uma educação popular consolida-se como um valor de vida para mim.

A ONGEP é uma das instituições de pré-vestibular popular situadas em Porto Alegre que atua auxiliando as pessoas em situação de vulnerabilidade social a ingressarem no ensino superior através de seus cursos preparatórios para vestibulares e ENEM. O desenvolvimento da cidadania é fundamental para a construção de uma educação popular, portanto é imprescindível que isso esteja igualmente presente nos pré-vestibulares populares. Ao possibilitar a compreensão e a apropriação do espaço, a Geografia também constrói a cidadania.

Desta forma, é a minha prática docente e o cotidiano vivido nessa instituição que me aproxima da temática da educação popular, criando um laço afetivo que vai para além da sala de aula e das páginas deste trabalho. É através desse vínculo também que acaba surgindo outra pergunta: como os e as estudantes entendem sua relação com a ONGEP? Afinal, para entender o papel da Geografia a partir da ONGEP é necessário também compreender o papel da própria organização nas vidas dos e das estudantes. Portanto, será a partir de discentes da ONGEP que busco responder as perguntas citadas anteriormente e entender como os alunos e as alunas reconhecem a ONGEP como instituição de educação popular e como a Geografia se constitui como um campo de conhecimento importante para a sua formação cidadã.

Refletindo sobre as palavras de Freire (1996, p. 25) “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” para além da sala de aula, entendo que é momento de aprender com os e as estudantes da ONGEP como a Geografia que é ensinada na instituição reflete em suas trajetórias de vida, em sua cidadania, através de suas narrativas. As histórias de vida, ao resgatar memórias do espaço vivido, podem demonstrar não só as relações com a Geografia e como estas ocorrem, mas também, a relação dessas pessoas com a educação popular através de um pré-vestibular popular. Dessa forma, é através das reflexões a partir da escuta das narrativas de estudantes da ONGEP, estimuladas por questões direcionadoras, que busco responder às perguntas deste trabalho.

De forma, bastante particular, minha experiência como docente do Núcleo de Geografia na ONGEP despertou o interesse de entender até onde vai a minha prática como professor e educador popular, se de fato estava proporcionando o espaço para uma educação transformadora. Vivenciar a sala de aula (no contexto pandêmico, em ambientes virtuais), compartilhando histórias de vidas com estudantes e colegas de trabalho, fez essa inquietação evoluir para uma

necessidade de compreender a complexidade da prática de ensino de Geografia nos pré-vestibulares populares a partir dessa instituição em específico. É através do convívio com a turma, das discussões e colocações que surgem em aula, que espero que os alunos e as alunas demonstrem a importância da Geografia em sua formação cidadã, através do reconhecimento e da compreensão do espaço ao seu redor.

O objetivo geral desta pesquisa foi entender o papel da Geografia na educação popular através das narrativas de histórias de vida de estudantes da ONGEP. De tal forma, os objetivos específicos foram compreender os vínculos de estudantes com a instituição, identificar em suas falas como se constitui o conhecimento geográfico em suas vidas e como a Geografia faz parte da construção de sua cidadania e, por último, refletir sobre a relação entre a proposta da educação popular com a construção do pensamento geográfico de estudantes de um pré-vestibular popular.

2. EDUCAÇÃO POPULAR, GEOGRAFIA E CIDADANIA

2.1 EDUCAÇÃO POPULAR

O termo 'popular' de 'educação popular' refere-se ao povo pois sua prática de ensino está ligada a possibilidade de criação de um saber popular (BRANDÃO, 2017) continuamente construído pelo e para o povo. O povo aqui não refere-se simplesmente como a totalidade de uma população, mas principalmente à classe trabalhadora. Esse recorte é indispensável tanto para manter a discussão dentro da materialidade do conflito de classes e compreender as diferentes forças que disputam o que é e para que(m) é a educação, mas também para debater umas das principais características da educação popular: a luta pela emancipação humana.

Afinal, como Mézáros (2008) pontua, as propostas de educação formuladas através da perspectiva do capital não são capazes de ultrapassar o limite das reformas educacionais que perpetuam o domínio exercido pelas classes dominantes. É com essa dominação que a educação popular busca romper, para a cidadania plena e para a liberdade e desenvolvimento humano. Para Freire (2001) pensar radicalmente na educação popular em uma sociedade de classes é como nadar contra a correnteza, jamais afastando o conteúdo da realidade, estimulando a

organização das classes sociais populares pela luta emancipatória da superação das desigualdades e injustiças sociais.

A analogia de “nadar contra a correnteza” é pontual ao pensar que a educação popular faz contraponto ao padrão de educação mercantilista, principalmente a escolar, vigente que cada vez mais busca preparar estudantes para o mercado de trabalho e para a informalidade mascarada dos discursos de empreendedorismo e coaching (vide as diversas propostas do Novo Ensino Médio¹, por exemplo) enquanto o caráter emancipador é deixado de lado, quando não é abandonado completamente. A educação dentro da lógica do capital aliena a classe trabalhadora de suas reais condições de trabalho e de sua própria realidade, fomentando um discurso individualista baseado fortemente na meritocracia, para esconder qualquer responsabilidade do Estado capitalista na precarização da vida da classe trabalhadora e para limitar o horizonte das possibilidades de ir além.

Se uma sociedade capitalista “que impede a emancipação só pode transformar os espaços educacionais em shoppings centers, funcionais à sua lógica do consumo e do lucro” (SADER in MÉSZÁROS, 2008, p. 16), estimular a transformação da sociedade a partir da realidade das classes sociais populares é, portanto, o oposto de uma educação que segue a lógica do mercado que domina, inibe a criatividade e nega a humanização dos indivíduos (FREIRE, 2013).

O educador ou a educadora popular deve compreender não somente sua realidade, mas também compreender e respeitar as vivências e as experiências de seus e suas estudantes permitindo “potencializar possibilidades de uma mudança na realidade, provocando rupturas necessárias (...) para que o sujeito construa sua cidadania” (BORGES, 2020. p. 226). De acordo com Freire (2016, p.118)

(...) não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos a centros de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros.

Como Freire (2016) ressalta, respeitar esses saberes jamais deve significar que o(a) docente fique preso à ele, mas sim que construa uma prática de uma

¹ Há uma precarização e um desmonte da educação pública através do Novo Ensino Médio com a inserção de disciplinas que não contribuem para a formação crítica dos e das estudantes das escolas públicas. Disciplinas como “Mundo do trabalho”, “Projeto de Vida”, “Educação financeira”, “RPG” e até uma chamada “Brigadeiros caseiros”, entre outras, tomam o espaço e das disciplinas de base.

educação popular a partir desses conhecimentos pois são eles que determinam o ponto de partida para a compreensão que os alunos e as alunas vão estabelecer do mundo. Portanto a prática da educação popular não abrange somente a transformação de seus discentes, Hooks (2013, p. 35) afirma que “quando a educação é prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar (...) será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo”. Freire (1996, p. 25) complementa que “embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.”

A educação popular, portanto, é inerente a uma prática de educação coletiva, estruturada a partir das trocas entre docentes e discentes que, segundo Brandão (2017), deve fortalecer o poder popular através da constituição de um saber de classe, sendo assim transformadora e libertadora.

Em relação a educação popular no Brasil inicia-se na década de 50 do século XX uma discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pautando a formação crítica em contraponto a mera transferência de conteúdos que contribui para um período marcado por mobilizações acerca da educação popular. (PEREIRA, 2010). É neste período que os pensamentos do patrono da educação brasileira, Paulo Freire, espalham-se pelo país e ecoam nas manifestações pela educação e cultura popular até o período da ditadura cívico-militar (PEREIRA, 2010). O movimento pela educação popular, assim como outros movimentos sociais, sofreu dura repressão durante a ditadura ao ameaçar o *status quo* do conflito de classes. Após a redemocratização, há uma nova efervescência de movimentos em prol da educação e da educação popular. É na década de 90 que os pré-vestibulares populares (PVPs) consolidam-se como contraponto ao discurso meritocrático de um governo neoliberal e aos pré-vestibulares privados. Atualmente, além dos PVPs, há outros exemplos de espaços que pautam a educação popular, como as escolas do campo do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), a Escola Nacional Florestan Fernandes, também vinculada ao MST, e a Universidade Emancipa, por exemplo.

2.2 GEOGRAFIA E CIDADANIA

Definir o que é cidadania não é uma tarefa fácil, mas é essencial para estabelecer os pilares teóricos deste trabalho. Pois, para poder refletir sobre práticas pedagógicas em relação à uma formação cidadã é necessário entender qual concepção de cidadania que está sendo adotada.

De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010, não paginado), cidadania define-se como “faculdade de ser cidadão e, como tal, ter direitos a exercer ou fruir e deveres a cumprir”. Este conceito de cidadania está atrelado ao que Palma Filho (1998) chama de formalismo jurídico, referindo-se apenas ao exercício de direitos políticos, que serve por muitas vezes aos interesses das elites brasileiras que podem definir quem é e quem não é cidadão.

Por sua vez, a tradição jurídica e constitucionalista brasileira tem (...) conferido, pelo menos até a Constituição Brasileira de 1988, um conteúdo muito mais político do que social à cidadania e, mesmo assim, considerando o político de modo muito restrito, isto é, como direito de votar e ser votado. Tem sido, portanto, uma cidadania outorgada, concedida e, desse modo, podendo ser retirada por quem outorgou ou concedeu (PALMA FILHO, 1998, p. 109)

A Constituição Brasileira de 1988 supera esse concepção em seu Art. 5º, ao afirmar que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988). A cidadania plena, portanto, seria aquela composta pelos direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais (CARVALHO, 2001). Carvalho (2001, p. 15-16) contextualiza esses direitos de tal forma:

Quadro 1: Contextualização dos direitos civis, políticos e sociais de acordo com Carvalho (2001)

Conceito	Concepção
Direitos Civis	Fundamentais à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei.
Direitos Políticos	Referem-se à participação do cidadão no governo da sociedade. A capacidade de fazer demonstrações políticas, de organizar partidos, de votar, de ser votado
Direitos Sociais	Garantem a participação na riqueza coletiva, Direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, à aposentadoria.

Fonte: Sistematizado a partir de Carvalho (2001, p. 15-16).

Weffort (1981 apud PALMA FILHO, 1998, p. 108) inclui a “discussão da cidadania no quadro da desigualdade social, inerente à sociedade de classes” ou seja, algumas pessoas serão mais cidadãos que outras. Dessa forma, Palma Filho (1998) entende cidadania como algo que precisa ser conquistado a partir de uma ação e construção coletiva. Essa construção deve basear-se na luta pela “igualdade diante da lei, a igualdade da participação política e a igualdade de condições socioeconômicas básicas, para garantir a dignidade humana” (BENEVIDES, 2016, p. 24).

Santos (2020, p.151) afirma que “há desigualdades sociais que são, em primeiro lugar, desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual se encontra”. Por isso, o autor propõe a geografização do conceito de cidadania que leve “em conta pelo menos dois tipos de franquias, a serem abertas a todos os indivíduos: os direitos territoriais e os direitos culturais, entre os quais o direito ao entorno” (SANTOS, 2020, p.150). O espaço, portanto, é um dos fatores que irá determinar quem é mais ou menos cidadão, quem tem maior facilidade e maior dificuldade (ou até mesmo a falta) de acesso aos seus direitos.

Ao pensar a Geografia como uma ciência que visa a compreensão do espaço através de suas estruturas, processos, funções e formas (SANTOS, 2004), relação inerente com a ideia da formação cidadã, ao buscar um melhor entendimento do espaço e como ele é produzido, expande-se também o horizonte da cidadania afinal “todo o conhecimento geográfico que amplia o mundo do estudante/cidadão, amplia o campo onde seus direitos podem ser reivindicados, e onde seus deveres se ampliam” (SILVA, p. 47).

Compreender a produção do espaço, o que é produzido nele, para que(m) ele está sendo produzido e de que forma está sendo produzido possibilita que o ou a estudante aproprie-se de sua realidade e de seu cotidiano. Santos (2020, p. 157) afirma que

“A educação deveria prover todas as pessoas com os meios adequados para que sejam capazes de absorver e criticar a informação, recusando os seus vieses, reclamando contra sua fragmentação, exigindo que o noticiário de cada dia não interrompa a sequência dos eventos, de modo que o filme do mundo esteja ao alcance de todos os homens.”

Dessa forma, o ensino de Geografia permite que o estudante entenda seu espaço vivido criticamente e possa agir de forma transformadora sob ele, pautando seus direitos para a reivindicação de sua cidadania.

A luta pela igualdade da cidadania está intrínseca à prática da educação popular, por ambas terem como objetivo superar as desigualdades e injustiças sociais através de uma consciência coletiva de classe. Santos (2000, p. 20) afirma que “a cidadania, sem dúvida, se aprende, É assim que ela se torna um estado de espírito, enraizado na cultura.” Silva (2022, p. 48) exemplifica como a cidadania se aprende através do ensino de Geografia , mesmo quando essa formação não é o foco da prática:

Mesmo se o “conteúdo chuva” não for pensado para a cidadania, o estudante ainda assim pode fazer uso dele como cidadão. É um elemento do espaço geográfico em que ele transita, que influencia seu fluxo diário, que é usado como argumento para o aumento do preço do alimento. O planejamento urbano, que parece não ser suficiente para algumas chuvas sazonais, é pauta de todo dia de chuva. Conseguir deduzir a partir de um climograma o período em que a atenção da Defesa Civil deve ser maior, é a cidadania enquanto direito à educação.

Construindo saberes de classe, a prática de educação popular fortalece e pauta a formação cidadã. Possibilitar a compreensão da realidade de um indivíduo ou coletivo é também possibilitar a reivindicação com mais convicção de seus direitos (SILVA, 2022) e de seus espaços, seja através de ações individuais ou coletivas. Em outras palavras, é a possibilidade de “ampliar a disputa pelos espaços de poder” (PALMA FILHO, 1998, p. 116). Carvalho (2001, p. 17) colabora trazendo que “nos países em que a cidadania se desenvolveu com mais rapidez (...) por uma razão ou outra a educação popular foi introduzida. Foi ela que permitiu às pessoas tomarem conhecimento de seus direitos e se organizarem para lutar por eles.” Assim como não há educação popular sem o compromisso com a formação cidadã, é difícil a constituição da cidadania sem que a educação seja popular e sem a apropriação do espaço geográfico vivido pelo indivíduo e pelo coletivo.

2.3 OS PRÉ-VESTIBULARES POPULARES

Os pré-vestibulares surgem na esfera do serviço privado como uma etapa informal de ensino, situando-se entre o egresso do ensino médio e o ingresso ao ensino superior. Inicialmente pensado para promover a aprovação de uma classe privilegiada nos vestibulares das universidades públicas e privadas do país como traz Whitaker (2010, p. 290):

Sua presença, marginal ao sistema de ensino oficial, e ao mesmo tempo quase institucionalizada na trajetória escolar dos jovens das camadas médias [privilegiadas] em nosso país, se constitui em verdadeiro paradoxo.

Por um lado, atesta o fracasso do sistema em preparar seus jovens para o vestibular (...) enquanto, por outro lado, usa e cria práticas e metodologias de ensino, as mais antipedagógicas possíveis.

Ao atender uma classe com maior poder aquisitivo, os pré-vestibulares privados (PVs) acentuam as diferenças sociais e econômicas que acabam influenciando também as condições de aprendizagem (SILVA, 2015). A exclusão de pessoas que não tem condições de arcar com as despesas de um pré-vestibular privado faz parte de sua estratégia de mercado, uma vez que estes “segregam financeiramente os candidatos, e por outro atacam os que não compram o seu produto, afirmando que há uma relação direta entre o serviço que prestam e as aprovações no vestibular” (SILVA, 2015, p. 20). Os PVs são adeptos à práticas de ensino voltadas a conquista de resultados, utilizando-se principalmente de metodologias ligadas à memorização sem o estímulo para os debates, reflexões e críticas (WHITAKER, 2010) visto que sua proposta é apenas a educação como um produto para a aprovação nos vestibulares.

Os pré-vestibulares populares (PVPs) surgem ao final da década de 1970 mas é a partir da experiência do Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC) na década de 1990 que marca a efervescência desses espaços no Brasil (PEREIRA et al, 2012). Os PVPs colocam-se como um contraponto aos pré-vestibulares privados, tanto em sua prática pedagógica quanto em sua função social, emergindo a partir da profunda desigualdade de acesso ao ensino superior (ZAGO, 2008). É deste contraponto com os pré-vestibulares privados que observa-se uma das características que torna inerente aos PVPs a preocupação com a cidadania de seus e suas estudantes, ao promover o ingresso de classes populares no ensino superior (SILVA, 2015). No entanto, os PVPs não se resumem apenas à uma alternativa mais acessível para estudar buscando o ingresso no ensino superior, sua prática pedagógica propõe uma formação cidadã para as classes populares através da construção coletiva do conhecimento a partir do espaço vivido que vai além da aprovação em vestibulares. Silva (2015, p. 41) sintetiza, dessa forma, os compromissos de um PVP em relação à cidadania:

O PVP não visa somente incentivar o ingresso de alunos de baixa renda no Ensino Superior, mas a qualidade crítica do estudante que lá chegará, até porque, indiretamente, a experiência de mundo que o estudante tem, antes e depois de virar universitário, transforma o seu cotidiano e o seu ponto de vista sobre o cotidiano no qual se insere (...)

Os PVPs são majoritariamente compostos por estudantes universitários voluntários conscientes de seu papel na universidade e sociedade (PEREIRA et al, 2012) que também acabam utilizando este espaço como laboratório de didática, preenchendo a falta das práticas de ensino nos anos iniciais da graduação (SILVA, 2015). Este trabalho voluntário, em momentos somados a parcerias com instituições públicas e privadas, possibilita que vestibulandos e vestibulandas tenham acesso aos PVPs por um preço popular (SILVA, 2015) ou até mesmo de forma gratuita.

É possível perceber a aproximação desta concepção da prática pedagógica de um PVP com o conceito de educação popular abordado por Freire ao longo de suas obras e Hooks (2013), assim como o conceito de cidadania concebido por Santos (2020) e Palma Filho (1998).

2.3.1 A ONGEP

A ONGEP é uma instituição sem fins lucrativos, localizada no centro urbano do município de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. A instituição tem como seu principal objetivo auxiliar estudantes em situação de vulnerabilidade social a ingressarem no ensino superior, em instituições públicas através do ENEM e vestibular da UFRGS ou privadas através do Programa Universidade para Todos.² (ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL PARA A EDUCAÇÃO POPULAR, 2022). A instituição também se coloca como espaço de formação, por essa razão uma parte do quadro de docentes é composta por alunos e alunas de instituições de ensino superior, sejam elas públicas ou privadas.

Contextualizando a ONGEP historicamente, Pereira (2007) traz informações importantes sobre a instituição: com origem no ano 2000 em uma proposta coletiva de licenciandos e licenciandas na disciplina de Estrutura e Funcionamento da Educação ministrada pelo Professor Carlos Machado, na Faculdade de Educação da UFRGS”, a instituição consolida-se em 2002 como uma alternativa de PVP, passando por parcerias com diferentes escolas, comunidades e coletivos para o uso de espaços para as aulas acontecerem até adquirir a autonomia em 2005 e operar com uma sede própria localizada na Rua dos Andradas, nº 691, Centro Histórico até

² Apesar do foco da ONGEP ser nas provas do ENEM e do vestibular da UFRGS, os e as estudantes da instituição muitas vezes também realizam os vestibulares de outras instituições públicas e privadas.

os dias atuais. A autonomia da ONGEP é um dos principais diferenciais em relação a outros PVPs em Porto Alegre, que geralmente estão ligados às instituições públicas de ensino básico ou superior, que cedem um espaço para as atividades ocorrerem.

Atualmente a ONGEP é dividida em 20 núcleos sendo estes organizados em cinco categorias que pode ser observada no quadro abaixo (Quadro 1). Integrantes da ONGEP podem fazer parte de mais de um núcleo, como é o caso das pessoas eleitas democraticamente para compor a coordenação e os e as representantes dos Núcleos de Ensino e Aprendizagem que também compõem o Núcleo Pedagógico em conjunto com profissionais da pedagogia. Os rumos da instituição são definidos através das discussões nas assembleias mensais, e nas assembleias extraordinárias quando necessário, onde todos voluntários e voluntárias, assim como os e as estudantes, têm poder de voto.

Para custear as despesas fixas (aluguel, condomínio, água, luz, etc.) a ONGEP estabelece um valor fixo para os cursos preparatórios, que pode ser parcelado ao longo do ano. No entanto, a instituição não exclui ninguém que não tenha condições de arcar com este custo. Candidatos e candidatas podem entrar em contato com a coordenação para explicar sua situação financeira que a isenção é concedida.

Quadro 2: Organização institucional da ONGEP

Categoria	Função	Núcleos
Núcleos Administrativos	Organizam a instituição	Coordenação Secretaria
Núcleos de Apoio Administrativo	Auxiliam à ONGEP no que tange a comunicação externa e as questões jurídicas	Comunicação Jurídico
Núcleos de Apoio Psicopedagógico	Auxiliam os e as estudantes em sua trajetória dentro da instituição e também discutem as práticas pedagógicas	Pedagógico Saúde Mental
Núcleos de Ensino e Aprendizagem	Voltados para o ensino preparatório para o ENEM e vestibulares	Biologia Espanhol Filosofia Física Geografia História Inglês Literatura Matemática Português Química Redação Sociologia
Núcleos de Línguas	Oferecem cursos de idiomas para à comunidade com um custo mais baixo	Francês

Fonte: Sistematizado de ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL PARA A EDUCAÇÃO POPULAR (2022)

De 2020 a 2022, a ONGEP atuou de forma remota devido à pandemia de COVID-19. As aulas e assembleias ocorreram via a plataforma Google Meet, com a assinatura do plano Google Workspace para que as aulas pudessem ser gravadas e acessadas por estudantes posteriormente. Mesmo com o ensino remoto, o vínculo com a sede foi mantido por motivos jurídicos e para que o retorno ao presencial pudesse ser realizado em 2023. No início de 2023, portanto, a ONGEP decide retornar ao presencial e manter o ensino remoto concomitante, abrindo duas turmas; uma presencial e uma em ensino remoto.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Em um primeiro momento foi realizado o levantamento bibliográfico dos principais conceitos e trabalhos acerca do tema desta pesquisa, com a finalidade de estabelecer um fio condutor que guiou a pesquisa inicialmente. Durante esta etapa foi construída também a estrutura metodológica da pesquisa, a partir da bibliografia referente à abordagem (auto)biográfica e narrativas.

O método (auto)biográfico estrutura-se a partir de uma colaboração mútua entre pesquisador(a) e entrevistado(a) com o objetivo de construir uma memória pessoal ou coletiva referente à um contexto e/ou tempo histórico (ABRAHÃO, 2012), permitindo “ir mais na longe na compreensão dos processos de formação e dos subprocessos” (NÓVOA & FINGER, 2014) que compõem o indivíduo. Nessa relação entre pesquisador(a) e entrevistado(a), significados são atribuídos às memórias de acontecimentos e experiências são revividas através das narrativas que representam o resultado das reflexões que fazem sentido naquele instante em que a narrativa é construída.

Abrahão (2012, p.80) evidencia que a metodologia (auto)biográfica “reconhece-se dependente da memória”, portanto, trabalhando mais predominantemente com a subjetividade de lembranças, sentimentos e emoções que enriquece estudos qualitativos, pois “possibilita que cada indivíduo compreenda a forma como se apropriou (...) identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador” (NÓVOA & FINGER, 2014, p. 22). A compreensão do fenômeno em estudo também pode permitir uma generalização da análise (ABRAHÃO, 2012).

As narrativas permitem resgatar o papel que a Geografia escolar teve na vida da pessoa através de suas lembranças deste trecho de sua história, possibilitando compreender melhor o diferencial da educação popular e da Geografia dentro deste contexto por meio do significado e da importância que ela atribui à ONGEP e às aulas de Geografia da instituição. Ao narrar uma parte de seu espaço vivido, é possível entender como a pessoa se reconhece dentro dele e como o pensamento geográfico contribuiu para essa apropriação.

As narrativas foram constituídas através da escuta e do diálogo com estudantes do pré-vestibular popular da Organização Não-Governamental para a Educação Popular (ONGEP) por meio de um roteiro com questões direcionadoras

(Anexo I). A partir do que foi narrado, e também do que não foi (gestos, hesitações, etc), surgiram outras perguntas pertinentes a esta pesquisa e ao andamento das narrativas.

A seleção de estudantes para a participação na pesquisa foi realizada através de um convite feito durante uma das aulas que ministrei no ano letivo de 2022, onde cinco discentes demonstraram interesse e foram contatados posteriormente via WhatsApp para mais informações sobre o projeto de pesquisa e a confirmação da participação. A escuta das narrativas ocorreram no mês de Outubro de 2022 e foram realizadas de forma online através da plataforma Google Meet e gravadas com a autorização dos e das participantes através da assinatura do termo de consentimento (Anexo II). Foi realizada a transcrição das gravações para facilitar o processo de análise/reflexão das histórias de vida através de trechos das narrativas. As narrativas estão identificadas com pseudônimos remetendo aos planetas do sistema solar para se referir aos e às estudantes participantes. A escolha por utilizar planetas como pseudônimos possui um caráter poético, pois entendo que os e as estudantes são astros que orbitam a ONGEP. As menções de terceiros e terceiras também mantêm o anonimato, destacando o papel da pessoa para a narrativa no lugar do nome.

As narrativas foram agrupadas em eixos temáticos, divididos em capítulos e subcapítulos: *Planetas que orbitam a ONGEP*; onde contextualizo os e as estudantes participantes da pesquisa através de suas narrativas sobre si; *A Geografia Escolar*, onde retomo o processo de ensino-aprendizagem de Geografia no decorrer das trajetórias durante a Educação Básica; *ONGEP e Educação Popular*, onde busco compreender melhor a relação que os e as estudantes têm com a instituição e como a educação popular é construída; e *O Papel da Geografia para a Educação Popular*, procurando entender como, neste contexto de uma educação popular, a disciplina de Geografia da ONGEP contribui para a formação cidadã dos e das estudantes.

A riqueza das narrativas foi imensa, porém após o amadurecimento do foco deste trabalho, perguntas e trechos das narrativas que são ricos em informações ficaram de fora deste trabalho por não contribuírem diretamente com os objetivos propostos (mas que renderia diversos outros trabalhos!). Entretanto, todas as perguntas foram essenciais para a construção das narrativas; para lembrar a Geografia escolar é mais fácil lembrar do ambiente escolar primeiro, por exemplo.

Portanto, mesmo que as histórias de vida não apareçam em sua totalidade neste trabalho, elas foram fundamentais para construir o caminho que os e as estudantes percorreram ao narrar suas trajetórias.

4. NARRATIVAS DOS E DAS ESTUDANTES: HISTÓRIAS DE VIDAS CONTADAS

4.1 PLANETAS QUE ORBITAM A ONGEP

Esse capítulo apresenta os e as estudantes participantes dessa pesquisa através de uma parte suas histórias de vida narradas por si mesmo ao serem estimulados e estimuladas a contarem sobre sua vida, sobre quem são. Esse é um espaço de protagonismo dos e das estudantes, não me atendo à análises e reflexões sobre as narrativas (porém algumas irão se repetir em outros capítulos).

4.1.1 QUEM É SATURNO?

“Hmm... já começa assim... “Quem é [Saturno]?” Essa pergunta é sempre muito caótica, muito abrangente. Não sei... Quem é [Saturno]... Ou o que faço? Sei lá não sei como responder essa pergunta. [...] Então senta, pega uma xícara que vai demorar. Eu sou [Saturno], tenho 25 anos e minha história de vida é mais ou menos muito bagunçada porque eu sou do Rio Grande do Sul mas morei muito tempo no Rio de Janeiro, morei cerca de 11 anos no Rio de Janeiro. Sempre me mudei muito e sempre foi por muito conflito familiar, principalmente por causa dos meus pais. Eles sempre tiveram muitos problemas então a gente sempre acabava, “pra resolver”, como forma de resolver os problemas familiares, a gente sempre se mudava. Parecia que a gente ia se mudar, tudo ia ficar novo. E era sempre nessa visão que a gente acabava se mudando muito, então a gente nunca foi de estabelecer muitas raízes nos lugares onde a gente ficava. O lugar que a gente ficou mais tempo parado foi no Rio de Janeiro, por uns 9 ou 10 anos, na mesma casa. E era um apartamento pequeno no Rio de Janeiro porque tudo é caro então tu tem que se submeter. Para você ficar num lugar seguro você tem que submeter a um preço muito alto num lugar muito pequeno. A gente morava eu, meus dois irmãos e meus pais nesse apartamento pequeno. E lá eu estudei, fiz o ensino médio, parte do fundamental e fiz também um pré-vestibular para a universidade e era popular também, lá da UFRJ. Eu fiz o pré-vestibular popular lá durante o terceiro ano do ensino médio, que foi em 2015, e em 2016 eu mudei pro Rio Grande do Sul de volta porque meus pais tinham se separado. Então a gente voltou, porque minha mãe é gaúcha e meu pai carioca, ele ficou lá e a gente veio. Nesse período entrei na universidade, entrei na UNIPAMPA, que é federal só que mais pro interior, e passei no curso de Engenharia Florestal. Então fui morar em São Gabriel para fazer o curso lá e me formei esse ano. Durante esse período a gente passou por muitas complicações financeiras também, porque minha mãe trabalhava como diarista aqui no Rio Grande do Sul e eu tava lá, então eu dependia muito da bolsa da

faculdade. Depois, meu irmão entrou também e ele também passou a depender muito da bolsa da faculdade. Sem a bolsa da universidade a gente não teria conseguido, já falo isso porque foi fundamental. E aí, com meu irmão indo no segundo ano do meu curso, que meu irmão também passou na universidade, ele ficou morando comigo. E aí, os problemas não deixaram de existir, a gente ainda enfrentou muita dificuldade financeira.

Eu precisei fazer uma cirurgia em 2019 então eu fiquei um ano, desde final de 2018 até o início da pandemia, afastada da universidade, estudando em casa. E aí, quando eu ia voltar para a universidade, veio a pandemia. E aí eu tive que ficar mesmo, aí foi tudo EAD. Tô tendo EAD desde 2018. E aí eu fiz a cirurgia, tive alguns problemas de saúde além da cirurgia... e eu não sei mais o que falar, assim, eu to resumindo muito minha história de vida porque aconteceram muitas coisas nesse meio período, têm acontecido. Ainda esse ano eu entrei na ONGEP para fazer o cursinho e eu recém tinha me formado, eu me formei em março e aí em maio eu entrei na ONGEP porque eu tava procurando pré-vestibular aqui no Rio Grande do Sul e eu só acho por preço muito caro. Só pré-vestibular muito muito caro, que eu não tenho condições de pagar. Então eu busquei pesquisar alguns cursinhos populares e eu não tava achando. E aí, um professor que é amigo meu lá da universidade falou "Olha [Saturno], tenho um conhecido que ele falou que estudou num popular da UFRGS". Daí eu falei "Popular da UFRGS? Bom, vou pesquisar aqui" e aí eu comecei a pesquisar algo relacionado e eu achei a ONGEP e ela tava com inscrição aberta, acho que maio, final de maio tava com inscrição aberta e eu me inscrevi e aí entrei. Só que nesse meio período desde do começo da minha trajetória com a ONGEP, já aconteceram muitas coisas também. Cara, não para de acontecer coisa. E a pior de todas, assim, foi agora em julho, dia 30 de julho o meu pai faleceu em um acidente com o caminhão. Ele fazia o trajeto Mercosul transportando frutas, coisas assim, e voltando da viagem, quase chegando já no ponto final aqui em Chapecó, o caminhão virou e ele bateu na lateral daqueles ferros que descem a serra e aí o caminhão dobrou, né. Então ele ficou preso nas ferragens e acabou falecendo no local mesmo. E aí foi muito difícil porque a gente recebeu a notícia, o policial que tava tentando contatar a gente contatou a gente pelo Instagram porque não tava conseguindo contato, então ele teve que buscar a gente por rede social e aí ligou pra minha mãe pelo Instagram e até provar que era verdade foi um caos. Foi num sábado à noite isso e quando a gente entendeu que realmente tinha acontecido, que meus irmãos entenderam, a gente foi direto para Passo Fundo né, que meu pai tava lá em Passo Fundo, tava no IML do Passo Fundo e aí a gente foi pra lá, resolvemos tudo na mesma madrugada, voltamos no dia seguinte no domingo de manhã e segunda-feira de manhã a gente foi pra Chapecó pra buscar algumas coisas dele que tava na casa de um amigo e voltamos na terça e desde lá eu to meio, tô tendo que envolver nas documentações do falecimento do pai então tá sendo bem complicada também nesse ponto. No meio período, a minha cachorra foi atropelada aqui na frente de casa porque a gente também tava fazendo uma mudança, ela escapou, uma moto pegou ela mas ela ficou bem, agora tá bem. Mas assim, só vai acontecendo muitas coisas e eu acho que minha história de vida se resume a muitas adversidades e a gente tendo que passar por cima de todas elas sem tempo de falar "cara, não tenho como". Não, tu tem que ir só vai, só vai indo... então é mais ou menos isso.

4.1.2 QUEM É NETUNO?

Uhmm, tá, então... eu, nossa que complexo isso, né? Que filosófico... No momento, eu sou dona de casa, cuido da minha mãe, foi uma troca que eu fiz com meus irmãos. Então eu to vivendo um episódio totalmente novo da minha vida, porque eu sempre fui trabalhadora e estudante e agora eu tô

me vendo em uma outra função que eu nunca dei muita importância e na real é, talvez seja, a parte mais puxada que eu esteja vivendo. Fora isso, eu já passei por algumas universidades, tanto pública quanto privada, na minha vida. Tive várias experiências boas e ruins que é até o que me fez procurar de novo e tentar porque agora eu acho que tenho maturidade suficiente pra enfrentar uma vida acadêmica. Bom, eu tava falando que eu já passei por algumas universidades e resolvi voltar depois de muito tempo pra tentar uma coisa que talvez não vá me dar dinheiro, não vá me dar algumas coisas que é o que a galera procura quando vai tentar se formar, mais que vai me realizar de alguma forma. Então no momento é assim, resumindo.

4.1.3 QUEM É MARTE?

Então, eu sou a [Marte] que no início do ano não pensava ainda tanto em fazer faculdade. Queria fazer até moda, em qualquer lugar que desse, mas aí com o tempo comecei a querer outras e eu pensei “por que não estudo pro ENEM pra ver se eu consigo entrar em alguma federal? Ou, quem sabe, conseguir uma bolsa?”. E eu comecei a me interessar por outras áreas, sabe? História da arte, nutrição... e eu pensei “bah, meu ensino médio foi muito defasado, muito difícil, não digo nem por causa da escola porque a escola... eu estudava em particular então a gente tinha ali como se manter, digo mais em questão de saúde mental e tudo mais, foi bem punk. Então eu comecei a tipo “tá, vou procurar”. Eu vi que tinha alguns amigos meus fazendo cursinho e eu pensei nisso. Só que comecei a procurar e o preço que tavam esses tais cursinhos eu não tinha dinheiro pra pagar. Yo no tinha money. Ainda no tengo money. Então eu comecei a buscar por alternativas. Eu não sabia o que era pré-vestibular popular. Eu até perguntei pra... pra uma coordenadora minha de onde eu trabalho se ela conhecia algum, ela falou que conhecia e me passou. E foi por uma das estagiárias de psicologia que eu conheci a ONGEP, porque ela me mandou. E aí eu pesquisei, vi que tava aberto para intensivo e eu me inscrevi e agora estou aqui.

4.1.4 QUEM É VÊNUS?

Ai meu deus, uma pergunta meio difícil essa. Tu diz mais tipo o que eu faço agora? Não sei muito como falar. [...] Ai meu deus... não tem tipo uma... como que eu posso começar? Ai não sei... [...] Tá... Ai meu deus... É que eu sou meio perfeccionista às vezes, mas tá... momentos... tá... [Vênus]... Sempre fui uma pessoa muito comunicativa, por conta da minha mãe porque ela sempre trouxe muito isso pra mim, isso de saber lidar muito com as pessoas e também... como que eu posso te dizer... os tipos de linguagens diferentes, tanto fala quanto corporal assim, sempre fui muito assim. O que mais? Ai prof... [...] Sempre fui muito sensitiva pras coisas, de perceber muito o local que eu estou, as pessoas que estão ali, observar bastante o local. Falando agora, acho que um pouco mais da questão de estudos, acho que comecei minha trajetória de estudos dentro de uma escola particular, com bolsa. Depois eu fui pra escola pública, daí eu sempre... a minha mãe sempre procurou escolas que ela conhecia, com professores e tudo mais que ela conhecia, porque minha mãe é da rede pública também, ela é professora, e eu sempre tive muito contato com isso então eu tenho essa visão mais... pessoal, digamos assim. Eu tenho isso comigo e também uma das causas que me trouxe pro curso que eu quero fazer, que é Educação Física, bacharelado, que é lidar muito com as pessoas então é uma das causas. Terminei o ensino médio ano passado e daí eu já tava procurando algum cursinho pra fazer. Eu nem sabia que curso eu queria mas eu ia fazer o cursinho, pra glória a deus passar. Eu sei lá, tinha a ideia de que eu queria trabalhar com pessoas que nem eu disse, só

que eu não sabia o que exatamente. Daí eu fui pro lado da medicina, fui pro lado da nutrição, e só esse ano que eu consegui me encontrar na educação física e a ONGEP me ajudou bastante, sempre me apoiou bastante. E acho que basicamente é isso assim.

4.1.5 QUEM É JÚPITER?

Tá, eu não sou muito bom em descrever minha própria vida, mas... eu não sei direito o que falar, tenho que falar de algum ponto específico? [...] Então sou [Júpiter], tenho 18 anos, sou um homem e nasci em primeiro de janeiro. [...] É... eu estudei sempre em escola pública e desde o prezinho foi na mesma escola, o Instituto de Educação General Flores da Cunha do lado da Redenção, sabe? E daí a minha vida inteira eu estudei lá, até o terceiro ano que acabou ano passado. Eu diria que eu era um dos nerds da turma, uma das melhores notas, eu sempre tive facilidade em aprender os conteúdos e eu até ajudava os meus amigos a aprender os conteúdos, e eu acho que é muito bom, um dos melhores jeitos de aprender é ensinar. Acho que é isso, eu gosto bastante de computadores e tecnologia, quero seguir nessa carreira... gosto bastante de matemática e química.

4.2 A GEOGRAFIA ESCOLAR

Para compreender a constituição do conhecimento geográfico dos e das estudantes da ONGEP é necessário resgatar aquelas lembranças dos primeiros contatos com a Geografia como disciplina na educação básica. De tal modo, ao entender o ponto inicial, é possível ressaltar os aprendizados e os obstáculos ao longo das trajetórias de vida posteriormente.

4.2.1 A NARRATIVA DE SATURNO

Na narrativa de Saturno, observa-se que já havia uma afinidade inicial com a disciplina de Geografia da escola e também com seu professor.

Mas assim, Geografia e história sempre foram as disciplinas que eu mais gostava da aula. Sempre foram as que eu mais gostava, então quando tinha Geografia eu gostava muito e história eu gostava muito também O professor também era muito legal. (Saturno)

Essa boa relação com a Geografia e com a docência torna-se ainda mais evidente quando Saturno destaca a prática docente de uma de suas professoras, que constitui um marco para a construção do seu pensamento geográfico. Sua professora estabelece seu compromisso com a disciplina de Geografia para além da

sala de aula, aproximando o conteúdo ao cotidiano através de exemplos da realidade e do uso da arte como recurso didático.

Uma professora excelente assim, excelente, excelente... muito querida. Nossa, ela ensinava muito e ela trazia muito conteúdo e muito bom... que ela dava a aula dela e ela trazia exemplos da realidade, trazia músicas, trazia tipo indicações de filmes ou coisas assim. Falava coisas do nosso dia a dia. Pela minha experiência com ela e por causa dela, eu acho que passei ter uma visão mais aberta sobre a realidade, assim na vida né, sobre as diferenças, as desigualdades e tudo mais porque ela sempre foi uma pessoa que tentou trazer isso pra gente na prática, o intuito dela não era só ensinar, era fazer com que a gente pensasse sobre a nossa realidade. Então essa foi a principal diferença dela, ela era excelente, assim muito boa. (Saturno)

O uso de diferentes linguagens no ensino de Geografia possibilita que as aulas se tornem mais interessantes, engajem a turma e facilitem o processo de ensino-aprendizagem (SANTOS & CHIAPETTI, 2012). É através deste contexto de uma aula que ultrapassa o conteudismo, que interage com a vida e com a arte, que Saturno expande sua visão sobre a realidade e consolida esse momento como um ponto-chave para sua apropriação do espaço em sua história de vida.

4.2.2 A NARRATIVA DE NETUNO

A afinidade com disciplina de Geografia também aparece na narrativa de Netuno, porém a relação com a prática docente de sua professora diverge completamente da experiência narrada por Saturno anteriormente. Aqui há um conflito geracional e religioso em relação à Geografia, que coloca em contradição sua experiência com a Geografia escolar.

Geografia já tinha uma questão que eu gostava, eu me interessava pelo conteúdo, mas a professora era muito complicada porque era uma senhora e toda uma divergência da geração dela, das coisas que ela pensava. Ela era religiosa porque ela colocava muito isso em aula, então eu não sei... assim, era complicado. Eu gostava da aula mas a forma como ela passava era uma das piores. (Netuno)

Uma prática docente que limitou-se à experiência vivida pela professora dificultou as possibilidades de diálogo com a estudante. Essa experiência contraditória de gostar da disciplina e discordar de sua abordagem metodológica é destacada mais uma vez por Netuno em sua narrativa, desta vez já trazendo sua experiência na ONGEP como comparação de uma Geografia possível, de como poderia ter sido.

Então eu tive esses dois pontos da Geografia, eu tive uma escola onde eu me interessava pelo conteúdo mas a pessoa passava de uma forma que

não me interessava tanto, e no cursinho que mudou totalmente minha opinião sobre isso, tinham pessoas com conteúdo legal e a forma de passar muito interessante. (Netuno)

Há aqui uma narrativa que relembra sua experiência na educação básica no passado, ressignificando-a através de vivências posteriores e mais atuais. Como Nóvoa (2001, p.7) destaca, “não se trata de uma mera descrição ou arrumação de factos (*sic*), mas de um esforço de construção (e de reconstrução) dos itinerários passados.”

4.2.3 A NARRATIVA DE MARTE

Em sua narrativa Marte ressalta a prática pedagógica da disciplina de Geografia, sem ater-se à qualificação da mesma (se possuía afinidade ou não, se era boa ou ruim). Surge novamente o conflito entre religião e ensino de Geografia, dessa vez de uma forma muito mais institucionalizada. Essa relação não ocorre necessariamente pelas experiências da professora projetadas em sua prática docente, mas principalmente através da escola e dos livros adquiridos e disponibilizados pela instituição.

Eles [professores de Geografia] explicavam de duas formas. Eles explicavam como teria sido de uma forma evolucionista e na teocentrista. Eles diziam “pela forma evolucionista teria sido isso isso e isso”, daí as professoras explicam as fases da evolução e tudo mais e também explicam como teria sido na teocentrista. [...] É que tá no livro. Esse que é o negócio, a fornecedora de livros deles. Todos os livros já vem assim. Se tu abrir os livros de Geografia vai estar ali, a forma teocentrista e a forma evolucionista. Nos próprios livros já vem. (Marte)

No entanto, Marte destaca que quando o conteúdo se aproximava de temas mais relacionados com a Geografia Humana, criava-se um espaço mais aberto para pensar.

[A aula de Geografia Humana] Era mais tranquilo daí porque envolvia mas dados e envolvia questões sociais já. Ia pra uma parte mais pique sociologia. Mas não envolviam deus. Nessa aí, não. [...] Pelo menos a minha professora de Geografia, ela foi bem... ela era bem boa nesse quesito, abria espaço pra pensar. (Marte)

Ao desvincular a aula do caráter religioso da escola, a professora de Marte tornava o ensino “mais tranquilo” e democrático, possibilitando um espaço de reflexão genuíno para a estudante.

4.2.4 A NARRATIVA DE VÊNUS

Em sua narrativa inicial, Vênus relata que um de seus professores de Geografia não se importava com a turma e com a construção do conhecimento, criando uma barreira em relação à disciplina. Ao agir de forma alheia à turma, sem se importar realmente com a formação de seus e suas estudantes, a prática docente resume-se à uma *checklist* de conteúdos; quais foram ministrados e quais ainda não foram. O professor, neste caso, assume a compreensão do e da estudante como um ser passivo e o seu trabalho como o de apenas depositar conteúdo (FREIRE, 2013).

Lá no sétimo ano, que eu ainda estava na particular, eu lembro que o meu professor ele não era tão legal, ele era bem carrasco e aí eu não gostava muito. [...] sabe aquele professor que tá ali pra só, sei lá porque ele tá fazendo também, ele só tá ali por tá ali, dá a matéria e nem se importa como o aluno em si, sabe? Se ele tá aprendendo, se tá entrando conteúdo ou sei lá, de alguma forma tá dando conteúdo e questão. (Vênus)

Sem buscar outras formas de engajar com a turma, apenas despejando o conteúdo necessário, dificulta-se a criação de um vínculo com o ensino e, conseqüentemente, da construção do pensamento geográfico e da apropriação do espaço. Este cenário já muda quando são apresentadas outras linguagens durante a aula, como Vênus destaca com carinho ao falar sobre sua professora que utilizava mapas.

Tinha uma professora muito querida que ela era super assim e ela passava as matérias e eu adorava ela. Passava sempre mapas, então eu tenho muita visão dos mapas assim, nossa muito, eu gostava bastante. (Vênus)

A utilização de mapas como recurso didático é essencial para a alfabetização cartográfica de estudantes, auxiliando na apropriação do conteúdo e do próprio espaço representado nos mapas.

Os mapas utilizados em sala de aula em conjunto com a teoria explicativa, apresentada em categorias e conceitos, transformam os elementos dessa linguagem em símbolos espaciais cotidianos, a partir dos quais o aluno se integra ao assunto sendo capaz de interagir de forma crítica sobre o mesmo. (CASTRO et al, 2015, p. 48-49)

Através do diálogo e do respeito ao tempo de aprendizagem dos e das estudantes, outra professora de Vênus equilibrava harmoniosamente o conteúdo com a sua apropriação pela turma.

Outra professora dava bastante questão mas ela corrigia muito então a gente tinha contato, a gente podia tirar bastante dúvidas, a gente entendia melhor, eu pelo menos. Que mais? Da outra professora, acho que das outras professoras foram bem mais assim, ter um olhar pra nós. A gente conseguia entender melhor, sabe? Foram mal na prova? Vamos revisar

esse conteúdo, vamos ter calma, não vamos seguir em frente porque não adianta nada. (Vênus)

Como Vênus mesmo ressalta, havia um olhar preocupado com a turma e não apenas um olhar que enxergava os conteúdos que precisavam ser ministrados, em contraponto à primeira experiência relatada. O reconhecimento do e da estudante como parte ativa do processo de ensino-aprendizagem é fundamental para a construção do saber.

4.2.5 A NARRATIVA DE JÚPITER

A narrativa de Júpiter em relação a Geografia escolar é breve, apontando uma relação boa com seus professores e uma certa dificuldade com localização e temporalidade. É possível que durante sua trajetória escolar, a construção do conhecimento geográfico tenha sustentado-se no conteúdo e não na alfabetização geográfica em si.

Tive vários professores [...] e eu tinha uma boa relação com todos eles. [...] E com a matéria eu também me lembro de ter nenhum problema, eu ainda fico meio confuso com datas e coisas assim. Eu não sou muito bom em me achar em Geografia mas eu não tinha nenhum problema grave, tipo nota baixa e coisa assim. (Júpiter)

É interessante pontuar como o sistema avaliativo da escola coloca-se nas entrelinhas deste trecho, a nota baixa é considerada sinal de um problema grave. Normalmente há uma desvalorização da capacidade do e da estudante de avaliarem a si mesmos, sendo papel fundamental do e da docente estimular essa habilidade e não reforçar a avaliação centrada em seus critérios (HOOKS, 2013)³.

4.3 A ONGEP E A EDUCAÇÃO POPULAR

Neste item busca-se entender como os e as estudantes chegaram até a ONGEP, como compreendem esse espaço de educação popular e qual a importância e o papel atribuídos à instituição. É fundamental entender a relação com a ONGEP como um todo, para aprofundar posteriormente na Geografia da ONGEP.

³ Esta citação trata-se de um diálogo com Ron Scapp, que a autora faz em seu livro “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, 2013.

4.3.1 A NARRATIVA DE SATURNO

Saturno narra uma dinâmica que irá se repetir ao longo das trajetórias de suas e seus colegas; a procura por um curso pré-vestibular acessível. Essa dinâmica é comum ao ingresso de estudantes em PVPs e frequentemente é reproduzida durante as entrevistas de seleção de novas turmas na ONGEP. Outro ponto comum com outros relatos é a escolha da ONGEP através da indicação de alguma pessoa conhecida que passou pela instituição como estudante, como docente ou como ambos. Apesar de descrever o tempo de aula como insuficiente, ela destaca como os e as docentes da ONGEP contribuem não só para o ensino, mas para a sua vida também.

Ainda esse ano eu entrei na ONGEP para fazer o cursinho e eu recém tinha me formado [em Engenharia Florestal], eu me formei em março e aí em maio eu entrei na ONGEP porque eu tava procurando pré-vestibular aqui no RS e eu só acho por preço muito caro. Só pré-vestibular muito muito caro, que eu não tenho condições de pagar. Então eu busquei pesquisar alguns cursinhos populares e eu não tava achando. E aí, um professor que é amigo meu lá da universidade falou “Olha [Saturno], tenho um conhecido que ele falou que estudou num popular da UFRGS”. Daí eu falei “Popular da UFRGS? Bom, vou pesquisar aqui” e aí eu comecei a pesquisar algo relacionado e eu achei a ONGEP e ela tava com inscrição aberta, acho que maio, final de maio tava com inscrição aberta e eu me inscrevi e aí entrei [...] Parecia que eu tinha passado na universidade e aí desde então a ONGEP tem me ajudado muito. (Saturno)

Em um momento de luto, Saturno destaca como foi acolhida pela ONGEP de diferentes formas. Sem ter como acompanhar as aulas durante esse período, ela buscou professores e professoras da instituição para poderem lhe auxiliar com estudos dirigidos para o ENEM. A equipe da ONGEP prontamente colocou-se à sua disposição para além do envio do conteúdo solicitado, oferecendo também suporte emocional.

É evidente no trecho, a seguir, a importância do Núcleo de Saúde Mental para a ONGEP e seus e suas estudantes. Há um cuidado com o bem-estar dos e das estudantes que consolida-se institucionalmente através da inserção de um período de Saúde Mental na grade horária de aulas da ONGEP, além do acolhimento individual que Saturno relata.

Eu acho os professores muito bons. Eu acho que só o tempo de aula é muito curto, né? Pra dar a quantidade de conteúdo que tem, a única coisa assim... mas eu sei que vocês fazem o possível, que o curso faz o possível. [...] Mas o curso, os professores, o conteúdo, a forma como muitos professores abordam é muito bom e pelo menos assim, eu to um pouco perdida agora porque eu fiquei muito tempo sem frequentar por causa do falecimento do pai mas todo apoio que eu precisei ter, tipo te mandei

mensagem, você rápido “olha, semana que vem eu te mando” e eu achei “pô, eu acho que ele vai esquecer” e não é que semana que vem tu me mandou mesmo a mensagem? Então eu mandei outras mensagens pra outros professores e eles também me mandaram uma lista. Então por mais que eu estivesse afastada ali, eu tenho esse acompanhamento de vocês. Eu tenho esse amparo [...] A [Psicóloga da ONGEP] me manda mensagem pra me perguntar como é que eu to também. Então eu acho uma coisa assim, uma aproximação e um cuidado que vocês tem muito bom, que o curso tem porque além de vocês prestarem apoio educacional, fornecerem esse apoio de ensinar e ensinar de fato, vocês tem muito cuidado também com questão pessoal das pessoas e isso é uma coisa muito boa. (Saturno)

Neste processo de reconhecimento da trajetória de vida do e da estudante, a educação popular fortalece suas raízes. Há uma troca genuína não só do conhecimento, mas de afeto e carinho também. Hooks (2013), ao falar sobre o amor envolvido no processo pedagógico, afirma o potencial do afeto para o estímulo das discussões, do pensamento crítico e da própria transformação social dos e das estudantes.

4.3.2 A NARRATIVA DE NETUNO

O relato de Netuno assemelha-se ao anterior no que diz respeito à procura de um PVP acessível. Em sua narrativa destaca que além do valor do PV que cursava, a jornada de trabalho integral também contribuía para a dificuldade em manter os estudos, cogitando até mesmo a desistência. Ao encontrar uma possibilidade (novamente através da indicação de alguém que já passou pela ONGEP) de poder ingressar em um PVP por um valor acessível ou até mesmo de forma gratuita trouxe uma esperança em sua trajetória.

[...] quando eu terminei o ensino médio eu tinha uma amiga, muito amiga, e aí a gente ficou um tempo sem se ver porque não tinha mais escola, e um dia eu encontrei ela e ela disse “Tu sabe quem eu encontrei no ônibus?” Eu “Não” e ela “O [Professor de Sociologia da Escola], ele disse pra gente procurar cursinho popular” e nisso eu tava fazendo um cursinho pago. Eu trabalhava e eu pagava e era horrível, porque eu tava numa jornada de trabalhar o dia inteiro e fazer o cursinho. Então quando eu chegava no cursinho, eu acho que eu dormia até, eu nem conseguia realmente lidar com tantas coisas ao mesmo tempo. Aí eu disse “Bah, eu to desistindo do cursinho, tá muito pesado” e ela assim “Ah, mas vamos tentar. Pô, é barato e não é tão caro. Tem até oportunidade de não pagar se for o caso, pra gente não desistir. Era super confortante discutir isso. Aí deu um tempo e eu fui e procurei ela e ela disse “Ah, eu já to num cursinho” e eu assim “Ah, como é que faz?” E aí ela foi, me ensinou e aí eu fui parar na ONGEP, na sede lá do centro. [...] E ah, foi incrível. Foi a melhor experiência na parte escolar. Se eu conseguir colocar ensino médio, cursinho, faculdade, a parte do cursinho foi a mais legal, porque eu fiz vários amigos e também me senti capaz de enfrentar um vestibular. (Netuno)

Netuno narra sobre a sua primeira experiência da ONGEP, em meados de 2011 e 2012, que possibilitou o seu ingresso no curso de Ciências Sociais da UFRGS na época. Netuno ressalta o caráter questionador presente em todas as disciplinas, não sendo restrito às ciências humanas, que cumpria o propósito de um curso popular segundo Netuno. Outro ponto importante da construção de uma educação popular, e da cidadania, que Netuno destaca em seu relato é o de pensar o coletivo, através do esforço e do trabalho de professores e professoras e também das amizades forjadas durante esse momento em sua vida. É nítido que o sentimento de pertencimento, de encontrar um lugar na ONGEP, foi um marco em sua trajetória de vida.

Eu fiz a ONGEP em 2011, 2012, e nesse período assim... Tu começa a pensar em várias coisas porque todas aulas ali dentro da ONGEP eram questionadoras, não era só o papel da história ou da sociologia fazer isso. Todos os professores cumpriam com isso justamente por ser um curso popular. Eu saí dali com uma ideia de vida muito diferente, de pensar mais no coletivo, de ver as pessoas me beneficiando, porque eu entrei ali, eu consegui bolsa, eu tinha colegas que pagavam uma mensalidade, era pequena mas era paga, e eu ainda assim consegui bolsa. Ver professores doando o tempo e o espaço ali pra ti fazer e entender a coisas e conseguir alcançar teus objetivos é uma coisa que me fazia pensar bastante. Eu tenho amigos até hoje, a maioria dos meus amigos, são pessoas da ONGEP que eu ainda tenho troca de ideia. Tem muita galera que se tornou professora. [...] E outros colegas meus que conseguiram se formar, porque tem também essa questão, quem saiu da ONGEP e entrou na faculdade e conseguiu se formar. Nossa, são poucas pessoas que chegam na linha final, né. Então tudo isso, eu fico pensando “caramba, ainda bem que eu encontrei”. Eu depois de um tempo, eu comecei a ver que tinham outros cursinhos populares que não só a ONGEP e depois começou a crescer aqui em Porto Alegre. Não que ela seja pioneira, mas ainda bem que eu me encontrei ali, era um lugar massa. (Netuno)

A relação da ONGEP com o espaço onde localiza-se também é destacada por Netuno, ao relatar a efervescência cultural que existia aos arredores da instituição. Ela expõe também contradições que a instituição possui atualmente em relação ao espaço: ao situar-se no centro da cidade de Porto Alegre facilita o acesso à cultura, mas exclui a população dos bairros mais periféricos desse espaço; e da mesma forma que o ensino remoto permite que pessoas que moram ou trabalham longe da instituição possam ingressar na ONGEP, exclui as pessoas que não possuem condições de acesso à internet ou infraestrutura necessárias para o acompanhamento das aulas. É evidente que a reflexão que Netuno traz reflete sua apropriação do espaço vivido e, sobretudo, das contradições existentes nele.

Tinha uma relação muito interessante que era na frente da Casa de Cultura [Mário Quintana] então a gente tinha toda aquela efervescência cultural em Porto Alegre acontecendo. Teve o fórum mundial, teve um monte de coisa

acontecendo naquela época e a gente tava ali no centro, então era muito massa poder viver aquilo que talvez, se tivesse num espaço um pouco mais afastado do centro, eu não ia ter acesso, eu não ia poder participar. Então acho que são coisas assim, pensar que a sede era no centro da cidade, quanto poderia ser afastado. Pensar que poderiam ter cursinhos mais nas periferias mesmo pra conseguir trazer a galera da periferia, acho que são pontos de se pensar. De certa forma agora, o ensino sendo online é uma dualidade. Ele é democrático porque tu tá no espaço da tua casa mas tu também tem que ter garantido que tu tem internet e isso seria muito errado da nossa parte pressupor que todo mundo tem acesso à internet. Então acho que foi assim, contribuiu demais e eu sempre penso que no meu histórico escolar, acadêmico, tudo que eu aprendi até agora, a ONGEP acho que foi uma base muito, muito, muito importante. (Netuno)

Retornando um pouco em sua narrativa, é importante destacar que ao longo de sua trajetória houve diversos momentos que auxiliaram na construção dessa apropriação do espaço. A desconstrução de uma sala de aula tradicional, com cadeiras e mesas enfileiradas uma atrás da outra, para uma sala de aula em círculo onde todo mundo possa se ver, possa se reconhecer naquele espaço de diálogo; as aulas que traziam reflexões acerca da realidade da turma; a evidência das possibilidades que lhe haviam sido negligenciadas até então são todos elementos da prática docente de seu professor de sociologia da escola, e da ONGEP também, que marcaram a vida de Netuno.

[O professor de sociologia] ele desconstruía toda essa parte física, de tipo colocar a gente em roda pra cada um se olhar, se ver, falar, se reconhecer no espaço onde tá rolando uma conversa. Eu achava isso uma coisa bem massa e eu lembro que depois as outras aulas, os outros professores começaram a fazer isso. Dava pra ver que também tinha uma relação entre a classe dos professores ali pra contribuir. Tudo que tava em alguma aula fazendo muito sentido e ajudando a gente, eles de alguma forma levavam isso pro resto das aulas. E olha, dele eu acho que em si a matéria dele já era de uma extrema importância, porque tava falando da nossa realidade. Ele falava muito sobre o que nos aguardava. A gente ia sair da escola e ia o que? Direto pro trabalho, é isso? Virar peão? Só ser massacrado por toda estrutura social? Então ele nos mostrou que existiam mais coisas pra acontecer. A gente tinha mais possibilidades e, realmente, uma possibilidade que poucas pessoas nos passavam, porque não é interessante passar pra um aluno de escola pública o que existe atrás do muro. Muito menos fazer essa galera quebrar o muro a todo custo, pular esse muro, sei lá... fazer alguma coisa. Então eu acho que isso era o mais legal. É muito massa. Acho que todas as matérias tem a questão de que tu vai usar na vida de alguma forma, mas sociologia é muito direto, muito um papo reto. Tu se vê e tu começa “Cara, isso não tá certo” e tu é adolescente, jovem, então tu tá nessa gana de mudança. Então eu acho que era isso, ele falava direto com a gente e nos mostrava oportunidades. Isso foi bem importante pra mim. (Netuno)

Netuno estabeleceu um vínculo profundo com a ONGEP, tendo ela como uma base fundamental de seu aprendizado. De tal forma que retorna à instituição em 2022 para recomeçar sua trajetória de estudos, após abandonar o curso de Ciências

Sociais por sentir-se deslocada daquele espaço, buscando uma bolsa para o curso de Moda.

4.3.3 A NARRATIVA DE MARTE

Marte narra que começou a procurar PVs após observar amigos ingressarem nestes espaços, porém os preços encontrados não eram acessíveis. Buscando alternativas, Marte tomou conhecimentos dos PVPs e da ONGEP por uma indicação em seu trabalho.

Eu vi que tinha alguns amigos meus fazendo cursinho e eu pensei nisso. Só que comecei a procurar e o preço que tavam esses tais cursinhos eu não tinha dinheiro pra pagar. Yo no tinha money. Ainda no tengo money. Então eu comecei a buscar por alternativas. Eu não sabia o que era pré-vestibular popular. Eu até perguntei pra uma coordenadora minha de onde eu trabalho se ela conhecia algum, ela falou que conhecia e me passou. E foi por uma das estagiárias de psicologia que eu conheci a ONGEP, porque ela me mandou. E aí eu pesquisei, vi que tava aberto para intensivo e eu me inscrevi e agora estou aqui. (Marte)

Marte também ressalta que o trabalho realizado pelos professores e pelas professoras da ONGEP é um dos motivos que a fazem seguir no curso. O sentimento é recíproco, a valorização dos e das professoras por parte dos e das estudantes também nos faz seguir em frente como docentes. A importância do Núcleo Pedagógico, que também oferece apoio e suporte para os e as estudantes da ONGEP, também é destacado através das consultorias realizadas com a pedagoga e o vínculo que surge neste processo. O acolhimento não origina-se somente dos e das profissionais da ONGEP, Marte narra também o carinho que recebeu de sua colega Vênus.

Vocês tão na ONGEP, por exemplo, porque vocês querem, porque vocês não ganham com isso. Vocês tem aquela vontade de ensinar. Vocês tão ali dispostos à isso. Eu acho que reconhecer isso é tipo o mínimo, sabe? É uma das coisas que fez eu querer ficar. [...] [A ONGEP contribui também] em questão da galera... do núcleo de redação também, eles são dez. Eu fiz até consultoria com a [Pedagoga], fiz várias. Ela é sensacional, minha bestie. Um beijo [Pedagoga]! (Marte)

Esses tempos a [Vênus], uma das minhas colegas, me chamou pra gente conversar e falar assim... se eu precisava de ajuda ou alguma coisa. Eu me senti muito bem, muito acolhida, fiquei tipo “awww obrigado, [Vênus]!” (Marte)

A coletividade da educação popular é posta em evidência na narrativa de Marte; no ensino, no apoio psicopedagógico, no diálogo com os professores e as professoras e no acolhimento recebido pelos e pelas colegas.

4.3.4 A NARRATIVA DE VÊNUS

Assim como seus e suas colegas, Vênus também afirma que estava em busca de PVPs devido à sua acessibilidade. Através de um egresso próximo, conheceu a ONGEP e ingressou na instituição em 2020 porém teve seus estudos interrompidos logo no início do ano letivo devido à pandemia de COVID-19. Instigada ainda pela ONGEP, Vênus retorna no momento em que a instituição lança seu edital para o curso extensivo em modalidade remota em 2021. Vênus narra também que apesar da incerteza sobre o curso que iria pleitear sua vaga, fez-se presente nas aulas.

Eu estava na procura de algum cursinho popular porque eu tava sem dinheiro e tudo mais e aí eu fui procurando vários na internet, eu não sabia e tal. Daí o meu dindo tinha falado da ONGEP, porque ele fez há muito tempo atrás e passou na UFRGS e tudo mais, e daí eu “cara, então eu vou fazer na ONGEP” já que ele falou bastante sobre. Eu fui com minha mãe e com ele na entrevista que teve, não lembro se era 2019 ou 2020, mas foi lá na ONGEP. Fiz a tal da entrevista e tudo mais e daí veio a pandemia... mas ficou aquela sementinha, né? Eu pensei “Cara, não, preciso ir atrás”. Na pandemia, precisava de alguma coisa pra estudar e eu fui lá atrás no site, fiz minha inscrição tudo certinho, entrei e mesmo não sabendo o curso que nem eu disse, eu tava estudando, tava ali presente nas aulas e fazendo. (Vênus)

Semelhante ao relato de Marte, Vênus também destaca o trabalho dos professores e das professoras como motivação para seguir estudando e atingir seus objetivos. Ela também ressalta como a preocupação que os e as profissionais da ONGEP têm com o processo de aprendizagem da turma faz a diferença e a incentiva a retribuir a responsabilidade.

O que motiva a seguir na ONGEP é isso, saber que lá no final vai ser, eu vou conseguir, porque juro de verdade, os professores ajudam bastante por mais que eles podem não achar ou falar alguma coisa específica, mas só de vocês estarem na aula dando aula, que vocês estão ali se doando realmente, não tão ali só por “ah, vamos passar o conteúdo pessoal”. Tão sempre se preocupando “E aí, gente, tá dando certo aí? Tem alguma dúvida?” Isso, nossa, faz total diferença. Como vocês fazem isso, a minha obrigação é estar ali presente tentando entender, sabe? Então isso me motiva bastante, acho que é isso. (Vênus)

Vênus narra que há uma mudança de perspectiva em relação ao estudo após seu ingresso na ONGEP. Estabelecendo uma comparação com sua experiência no ensino médio, Vênus afirma que começou a estudar de verdade na instituição e que isso impactou seu cotidiano ao transformar suas perspectivas.

A ONGEP foi muito importante pra mim, que nem eu falei em questão dos professores estarem sempre ali. Isso foi uma coisa que me cativou bastante em questão de estudar mais, sabe? E me importar mais com os estudos,

porque no ensino médio, querendo ou não, estava lá às vezes por “Tá, tudo bem”. Eu comecei a estudar de verdade, sabe? Pegar as coisas na mão, me importar com isso e fez pra mim, faz total diferença no meu dia a dia, sabe? De olhar as coisas de outra forma, não só pra... não sei explicar... olhar as coisas de outra forma assim, digamos, talvez seja isso. (Vênus)

As narrativas de Vênus e Marte alinham-se novamente; Vênus traz uma contextualização do apoio que ela ofereceu à Marte (que ela narra no subcapítulo anterior) e à mais uma colega através de uma aula do Núcleo de Saúde Mental.

[...] esse ano, entrou no meio do ano agora, a [Marte] e a [colega] se não me engano. Eu não sei, eu tive alguma coisa com elas ali [...] A gente teve uma aula do Núcleo de Saúde Mental e a gente tava conservando sobre motivação e tudo mais e eu senti que elas precisavam, elas tavam falando sobre elas e eu me senti no dever de ajudar porque, querendo ou não, eu passo por isso sempre. Tu ter alguém ali pra te ajudar é ótimo, então me coloquei à disposição e daí gente conversou um pouco também. (Vênus)

O caráter coletivo da educação popular é mais uma vez evidenciado. Em um espaço de diálogo promovido pelas psicólogas da ONGEP, Vênus compreende as dores de suas colegas, identifica-se com os relatos e busca acolhê-las. Mesmo em espaços geograficamente distantes, devido ao ensino remoto, o sentimento de coletividade permaneceu vivo na ONGEP.

4.3.5 A NARRATIVA DE JÚPITER

Júpiter narra que durante a conclusão do ensino médio, contratou um curso preparatório de aulas pré-gravadas para estudar para as provas de seleção (provavelmente referindo-se ao ENEM e ao vestibular da UFRGS) e não obteve a aprovação. Após essa experiência, Júpiter destaca que decidiu dedicar-se mais aos estudos mas que não havia condições financeiras para arcar com os custos de um PV. Júpiter toma conhecimento da ONGEP através de uma amiga de sua mãe e ingressa na instituição logo em sequência.

Eu terminei ano passado o ensino médio e tinha feito as provas e não tinha passado. Eu também tinha contratado um curso, ele é remoto mas ele não é por chamada, ele tem vários vídeos já gravados, e aí eu vou estudando conforme. E mesmo assim eu não tinha passado. Daí a gente decidiu que eu ia estudar bastante nesse ano pra passar no fim do ano, só que a gente não conseguia, não tinha poder monetário pra adquirir um curso privado do tipo que meus amigos tinham feito. E daí um dia, por coincidência, a minha mãe tava falando com a mãe de uma amiga da minha irmã e ela falou que o irmão dela tinha feito ONGEP, ou que conhecia a ONGEP, coisa assim, e aí ela sugeriu pra mim. Aí fomos ver, acho que foi no início do ano, eu entrei logo no início, e aí eu fiz a entrevista e passei, foi isso. (Júpiter)

Júpiter é breve em suas considerações sobre a ONGEP, ressaltando o bom relacionamento com seus e suas colegas, com o corpo docente e com as aulas. Ele

destaca a prática docente como positiva e que proporcionou a revisão de conteúdos já distantes.

Eu to revisando muita coisa que faz um tempão que eu não via. [...] Eu to achando que todo mundo é bem legal, os professores, os colegas e as aulas são bem... passam conteúdo direito, são bem legais em geral. (Júpiter)

4.4 O PAPEL DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO POPULAR

Por fim, após conhecer e caminhar com os e as estudantes em sua história com a Geografia escolar, sua trajetória até a ONGEP, este item busca responder as principais inquietações que originaram essa pesquisa. Neste capítulo os e as estudantes narram sobre as suas relações com a disciplina, com os vínculos entre os e as docentes, com as práticas pedagógicas e com o espaço vivido

4.4.1 A NARRATIVA DE SATURNO

Saturno destaca inicialmente o gosto que possui pelas aulas ministradas por mim, estabelecendo similaridades com o professor do Núcleo de Redação, devido ao entusiasmo ao dar aula que muitas vezes revigora sua energia para participar. Posso afirmar que o entusiasmo que Saturno cita é fruto da paixão pela docência, pela educação popular, que manifesta-se na minha prática como docente. É essa paixão que Hooks (2013, p.256) afirma ser essencial para pensar o processo pedagógico que subverte “a cisão entre mente e corpo e nos permite estar presentes por inteiro - e, conseqüentemente, com todo o coração - na sala de aula”.

Eu gosto muito das suas aulas em particular. Eu gosto muito de suas aulas porque você é muito entusiasmado, então tu já chega feliz pra assistir a aula pelo teu entusiasmo. Eu gosto muito disso. Eu falei pro [professor de redação], o [professor de redação] também tem muito entusiasmo pra dar aula, ele já chega assim feliz, ele já quer dar aula então acho que isso é muito bom porque tu às vezes tu tá cansado ou tu tá... não tá muito bem naquele dia e tu já chega na aula e o professor tá lá com aquela carinha alegre pra te ensinar e vai brincando ou vai falando as coisas, eu acho isso muito bom. Eu acho esse ponto principalmente muito interessante, muito legal. (Saturno)

Saturno ressalta a importância das diferentes linguagens utilizadas em aula para reflexão acerca dos temas abordados que possibilita o conteúdo transbordar a sala de aula, levando à uma reflexão sobre a sociedade. Apropriar-se de uma

compreensão sobre a sociedade e trazer ela para seu espaço cotidiano possibilita a transformação de sua realidade. Ao relatar que a Geografia prepara para as circunstâncias, para as situações, Saturno está evidenciando como a Geografia contribui ativamente para sua formação cidadã.

Em relação ao conteúdo, eu acho muito bom a forma como vocês, vou falar de modo geral, vocês trazem o conteúdo e as informações, os debates também, os gráficos que você... eu já percebi uma aula que você trouxe vários gráficos e falando sobre a natalidade e mortalidade, como vai ter um impacto no futuro, como é que foi no passado, como é no presente. Então são coisas que além de te ensinar, eu acho que além, principalmente Geografia, além de te ensinar, te trazer informação, ela te traz uma reflexão sobre o que tá acontecendo com a sociedade, com o que vai acontecer, possivelmente, como é que vai ser o andamento de tudo isso e te prepara também pras circunstâncias, para as situações, então eu acho muito interessante. Por isso que eu gosto muito de Geografia, eu gosto muito de analisar e refletir sobre as questões da sociedade [...] (Saturno)

A partir das aulas de Geografia Política, Saturno também frisa a importância da discussão ativa entre docente e estudante. Ocorre, de fato, a construção de uma educação popular através do diálogo carregado de um pensamento crítico e da comunhão entre os sujeitos (FREIRE, PEDAGOGIA DO OPRIMIDO) que, por sua vez, facilita o aprendizado.

Eu gosto muito de geopolítica e eu acho que é bastante importante porque tu traça uma discussão pra turma e várias pessoas dão o ponto de vista e contribuem e não fica aquela coisa de só o professor falando. É uma coisa onde todo mundo pode contribuir e todo mundo pode entender é bem acessível, eu gosto muito. (Saturno)

Entretanto o caminho também pode ser espinhoso em momentos, afinal os PVPs também são espaços de formação docente. Saturno relata um conflito que evidencia uma prática contrária à educação popular que criou desconforto em relação à aula. Ao questionar um outro professor do Núcleo de Geografia sobre uma informação que não estava correta, pela sua experiência acadêmica e conhecimento na área como engenheira florestal, Saturno afirma que sua colocação foi interpretada como divergência política pelo professor. Saturno encontrou uma barreira ao buscar o diálogo em sala de aula, seus saberes não foram reconhecidos como parte do processo de ensino-aprendizagem e foram reduzidos à uma interpretação equivocada do professor.

É fundamental para a educação popular a valorização dos saberes dos e das estudantes. Isso não significa não contestar esses saberes eventualmente, mas é preciso que a contestação seja feita através de um diálogo verdadeiro,

reconhecendo o e a estudante como parte igual do processo de ensino-aprendizagem.

Saturno afirma que apesar do conflito de informações, teve a oportunidade de construir esse diálogo genuíno com o professor posteriormente, fora da sala de aula.

A única vez que eu acho que tive um problema numa aula foi com um professor [...] que eu acho que ele entendeu que eu tinha divergência política com ele, tanto que ele falou isso comigo depois. Porque ele começou a apresentar uns gráficos e falar algumas coisas da área florestal que eu falei assim tipo “poxa, acho que ele tá errado nisso”. Tipo, eu me formei nisso e não é isso, sabe? Acho que ele tá trazendo alguma informação que não tá muito correta [...] Aí eu falei isso com ele, aí eu “Eu só peço desculpas se pareceu que eu fui grossa na aula” e ele “Não não, eu acho que foi divergência política”. Tudo bem, mas não era. Mas ok.” (Saturno)

Acho que foi um conflito de informação mas que também foi muito bom porque depois a gente pôde conversar e entender melhor o que o outro quis dizer. (Saturno)

Saturno volta a ressaltar o papel que a Geografia tem em sua compreensão da sociedade, estabelecendo relações com outras informações e conhecimentos adquiridos por ela através do consumo de conteúdo e de sua experiência empírica para a construção de hipóteses sobre o espaço futuro.

[...] entender a sociedade de forma geral, como é que tá o andamento do Brasil principalmente, as coisas, principalmente a economia. Eu acho que já é umas coisas mais naturais minha de quando eu tenho uma informação eu já ligo direto com o que tem, com o que tá acontecendo, então quando eu leio ou to ouvindo alguma coisa, ou por exemplo um podcast, alguma coisa assim, eu já vou linkando com coisas que já vi, com coisas que eu já vivi e com coisas que eu fico “Cara, será que isso tem possibilidades de acontecer?” ou “Como é que vai ser o andamento do Brasil?” ou “Como é que vai ser nossa realidade daqui a alguns anos?”, eu fico pensando nisso. (Saturno)

A Geografia da ONGEP também teve um papel importante para a vida pessoal e acadêmica de Saturno, suprimindo uma lacuna da educação básica ao revisar conteúdos que ela não recordava mais e até mesmo conteúdos não vistos anteriormente.

De forma pessoal, pra minha vida pessoal e pra minha vida acadêmica, eu diria isso porque tem muita coisa que ou eu não vi, não deu tempo de ver no meu preparatório, no primeiro que eu fiz, ou eu não vi durante a minha escola por falta de professores e outras coisas. Relembrar de outras coisas que eu tinha visto e que eu não lembrava e por outro lado também, é o ensino que te... seria redundante essa frase, é o ensino que te ensina pra vida. (Saturno)

Silva (2015, p.34) ao pontuar o compromisso da alfabetização geográfica, justamente por essas lacunas da educação básica, aponta que ela “torna possível a

apreensão de temas complexos, ela é um ponto de partida: a partir dela o estudante abre pra outros caminhos”. Por fim, Saturno evidencia como a Geografia dentro do contexto de uma educação popular é inerente à sua formação como pessoa e cidadã, caracterizando-a como “o ensino que te ensina pra vida”.

4.4.2 A NARRATIVA DE NETUNO

Como Netuno já havia ressaltado anteriormente em sua narrativa, houve um contraste muito grande entre a Geografia da educação básica e a Geografia da ONGEP. Netuno diferencia inclusive a aula entre o que você precisa memorizar e o aprendizado que você precisa absorver. Netuno evidencia a dualidade da Geografia da ONGEP; por um lado há o foco na educação para além do vestibular, mas ainda assim faz parte um curso preparatório para o vestibular.

[...] a Geografia no cursinho foi maravilhosa. [...] Era um espetáculo ver as aulas deles porque eles eram muito engraçados e de alguma forma tu te sente à vontade ali, aí tu memoriza o que tem que memorizar, aprende realmente o que tem que absorver. (Netuno)

Eu to pegando pra estudar algumas coisas de Geografia que eu tenho dificuldade e o resto absorver em aula. Eu to botando muita fé que o conteúdo que vocês passam em aula é o que eu preciso saber dessas que eu não vou conseguir estudar tanto, e pegando alguma coisa pra estudar mais. [...] Vocês tão cumprindo um papel super importante assim, é um núcleo que tá valendo muito. (Netuno)

Netuno também destaca o papel da Geografia na educação popular, no contexto de um PVP. Diferente de sua experiência com uma Geografia conteudista e contraditória na escola, Netuno afirma que a Geografia da ONGEP constrói diálogos que levam à reflexões dos espaços vividos, que surge em sua fala sobre as transformações dos espaços de Porto Alegre.

Eu acho que [a Geografia da ONGEP] é importante, porque quando a gente estuda Geografia no ensino médio, ainda mais como te disse da minha experiência com minha professora, tu não vê a Geografia como um espaço de discussão, sabe? Tu vê como uma aula e aquela história nãñãñã passou o conteúdo e pronto, tu assimila aqui. Não né! Quando tu vai pra um cursinho popular, tu abre pra discussão, tu pensa teus espaços, tu reflete sobre muita coisa. Eu venho pensando muito tempo nisso, de quanto a cidade tá mudando. [...] A gente passou por um período que tava todo mundo trancado em casa, quem podia, quem tinha esse privilégio, e os espaços foram totalmente abandonados e agora tá voltando alguma coisa. Eu tenho uma amiga minha que vai chegar agora do Rio de Janeiro pra passar quatro dias aqui e eu assim, antes eu tava “cara, o que ela vai fazer? Ela tá vindo do Rio de Janeiro pra vir pra Porto Alegre?” Tudo bem, a intenção dela é visitar, ver as pessoas, e não a cidade em si, mas eu “o que

tem pra fazer?” e depois eu me lembrei que na realidade tá acontecendo várias coisas. (Netuno)

Prosseguindo sua narrativa acerca dos espaços de Porto Alegre, Netuno destaca como uma aula de Geografia Urbana ministrada por mim expandiu sua compreensão de um espaço cotidiano. Depoimentos de uma reportagem sobre a segregação socioespacial e a gentrificação na região do 4º Distrito⁴, levaram Netuno à uma nova reflexão e apropriação do espaço vivido naquele bairro.

[..] “Ah, porque não pode porque paga”, “não pode ir porque é longe” então... vão acontecendo essas coisas e eu penso o papel da Geografia muito nisso. Então essa questão do que mais me interessa em Geografia dentro do cursinho é a gente discutir essas coisas. Eu não lembro se era tu ou outro professor que mostrou do Vila Flores... do Vila Flores não... Ali daquela região do 4º Distrito. [...] Então, eu trabalhei ali no Vila Flores. Trabalho de vez em quando que ali tem um grupo de costura [...] e faço alguns trabalhos quando surge e tal, participo daquele núcleo e é no Vila Flores. O Vila Flores é uma ocupação e me chamou muito a atenção em ver o depoimento das coisas que tu mostrou porque eu, de certa forma, convivo ali naquele bairro e tem várias coisas que eu fico... que eu fiquei olhando mas não tinha pensando nisso, naquele espaço daquela forma. Então é nesses pontos que a Geografia acaba contribuindo pra mim. Sempre me dá vontade de continuar estudando, ter o desejo de estudar, de entender.

Netuno aprofunda-se na discussão do direito à cidade e ao lazer, trazendo experiências empíricas de como ela percebe as transformações do espaço de Porto Alegre através das festas que frequenta. Os conflitos entre as diferentes populações sobre o uso e ocupação do espaço e o planejamento urbano que não reflete os desejos e as necessidades do povo também são destacados por Netuno.

[...] Eu frequento algumas festas e a maioria tá acontecendo ali daquele lado [4º Distrito]. Por quê? Porque a Cidade Baixa, eles não querem mais a vida, a diversão, qualquer coisa que seja, ali, pra aquele lado, e tão chutando todo mundo pro 4º Distrito [...] tu começa a pensar muito nisso, que o lazer nunca é uma questão pra quem tá dentro da gerência da cidade, que normalmente é sempre um homem branco e velho. (Netuno)

[...] pensar assim, pelo menos, em valorizar aquele espaço de uma forma de integrar a comunidade que vive ali mas na real não, vão chutando todo mundo até onde dá. (Netuno)

Netuno exerce sua cidadania ao apropriar-se do espaço vivido e ao problematizá-lo, reivindicando um uso do espaço que atenda à comunidade. Novamente, é destacado o papel da Geografia ao possibilitar essa compreensão e apropriação do espaço contribuindo para uma formação cidadã.

⁴ Reportagem de Fernanda Canofre intitulada “No 4º Distrito de Porto Alegre, abandono e promessas se misturam. A quem serve a ‘revitalização?’” para o site de notícias Sul21, 2017. Disponível em: <https://especiais.sul21.com.br/gentrificacao/no-antigo-centro-industrial-de-porto-alegre-abandono-e-promessas-se-misturam-a-quem-serve-a-revitalizacao/>. Acesso em 23 mar. 2023.

4.4.3 A NARRATIVA DE MARTE

Em sua narrativa Marte relata a dificuldade que possui com conteúdos mais próximos da Geografia Física, em contraponto à sua afinidade com questões relacionadas à Geografia Humana. Marte brinca que sua motivação é gerada ao criticar latifundiários e privatizações.

Eu sinto muito falta das tuas aulas porque assim, eu não sou tão fã assim de Geografia questão hidrográfica, não sei o que... que envolve número, o meu cérebro tem um bloqueio. Eu já aceitei que é um bloqueio, tá tudo bem, um dia eu resolvo isso. Mas Geografia Política, Geografia Social... Falar mal de latifundiário é o que faz a vida seguir, sabe? São os pequenos prazeres da vida. [...] E já entra em outras coisas também, falar mal de privatização que já entra em Geografia Social. Aí eu tenho que ouvir gente falando "privatiza"... fica quieto, Felipe D'Avila! Vamos privatizar nada. (Marte)

Marte frisa como o estudo da segregação socioespacial destaca-se para ela na Geografia ao expor preconceitos que se produzem espacialmente e são produzidos pelo espaço, como é o caso das diferenças no saneamento básico entre diferentes locais. Segundo Marte, a discussão inicia-se na problematização do espaço que evidencia o preconceito ao comparar as condições de acesso das pessoas inseridas em diferentes espaços. Marte acaba reafirmando pensamentos de Santos (2013, p.140) que estabelece que "as condições existentes nesta ou naquela região determinam essa desigualdade do valor de cada pessoa".

Em Geografia me chama atenção o estudo que a gente realmente faz no nosso planeta, as pessoas que tão nele, as diferentes coisas que a gente... por exemplo, eu adoro a questão da segregação geográfica. Bah, um rolê que eu gosto muito porque tipo assim tu consegue estudar essa questão do preconceito. Ela começa não diretamente com as pessoas, ela começa às vezes com os lugares onde obviamente essas pessoas vão estar inseridas. Mas tipo assim, só pela questão de um lugar ter saneamento de água e outros não, isso é um preconceito. A gente não tá falando diretamente das pessoas, tá falando dos lugares. Aquele lugar tem saneamento, aquele não tem. Aqueles dois lugares vivem pessoas, ou seja, já tem algum preconceito ali, já tem uma diferença. A questão de localização que a gente falou nessas aulas, né? A galera que morava no 4º Distrito foi posta na Restinga. Toda vida no 4º Distrito, eles querem é te afastar do lugar de onde tu morava porque eles simplesmente vão... esqueci a palavra... gentrificar. Esse tipo de coisa que me faz muito pensante, sabe? Aristóteles morreu mas eu continuo aqui pensando, tu vê. (Marte)

A aula de Geografia Urbana reaparece nas narrativas, dessa vez por Marte que frisa a questão da gentrificação envolvendo o 4º Distrito e o deslocamento da população pobre residente para a Restinga. Relacionando a aula com o seu espaço vivido, Marte também ressalta questões relacionadas à verticalização e os condomínios de luxo, e também da revitalização e privatização de espaços públicos.

Principalmente toda vez que eu passo pelo Golden Lake⁵, é sério. Todas as vezes que isso acontece, é que são cotidianos né, coisas que acontecem todo dia e a gente relaciona, mas toda vez que eu passo e eu vejo por exemplo algum prédio antigo sendo reformado ou, agora, toda vez que eu vou na orla do Gasômetro, eu vejo lá o Gasômetro e eu lembro bastante [da Geografia da ONGEP]. Isso são coisas que eu associo às aulas que a gente teve. Principalmente a questão do Gasômetro, do Cais Embarcadero⁶. (Marte)

Além de destacar a importância da Geografia como disciplina, Marte frisa também como é significativo quando os indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem são semelhantes e compartilham de vivências similares, provavelmente referindo-se às questões de classe principalmente, mas também de raça e gênero.

Geografia é uma das matérias, senão uma das matérias mais importantes [...] Ainda mais quando vem de pessoas que são parecidas comigo. Pessoas que entendem o que eu passo, que não é o caso do Adventista.

Marte ao refletir sobre a disciplina de Geografia da ONGEP através de uma ótica de classes acaba por evidenciar o seu processo de formação cidadã e destacar uma das principais características de uma educação popular; a construção de saberes do povo para o povo.

4.4.4 A NARRATIVA DE VÊNUS

Vênus narra como a Geografia da ONGEP expandiu o seu olhar para a política, sobretudo a política climática. A apropriação do espaço geográfico, em específico das questões climáticas presentes, ocorre de forma que Vênus busca compartilhar o seu conhecimento para outras pessoas. A aula de Geografia ultrapassa o limite formal da instituição através de Vênus, que propaga os saberes construídos para pessoas fora da sala de aula.

[As aulas de climatologia] abriu minha cabeça pra muita coisa, já comecei a ver assim, em questão, a Geografia em si ela traz muita noção política, econômica e espacial né, óbvio, mas sabe? Eu comecei a olhar mais pra essas questões assim de política, digamos. De o que tem a ver o planeta com sei lá... com essas questões. Querendo ou não o aquecimento global, essas coisas, são mais deixadas de lado, as pessoas não olham e daí é importante. Então eu sempre tentava pegar alguma coisa da aula que eu me fixava melhor e tentava trazer pra outras pessoas ou falar mais pra minha mãe que tava ali do lado ou pro meu namorado, ter mais essa troca. (Vênus)

⁵ Condomínio de luxo localizado no bairro Cristal em Porto Alegre.

⁶ Marte refere-se aos processos de sucateamento e de privatização do espaço público, temas ministrados por mim na aula de Geografia Urbana.

A troca de saberes, essa construção coletiva dentro e fora da ONGEP, é mais uma questão que aponta como a Geografia contribui para a formação cidadã não só dos e das estudantes da instituição, mas também do entorno desses indivíduos.

[A Geografia da ONGEP] contribui bastante porque abriu muito minha cabeça pra várias coisas. Eu to numa idade diferente, num momento diferente, e isso me faz ver coisas diferentes e a ONGEP trouxe bastante isso, essas questões que eu consigo enxergar melhor da, que eu te falei antes, da política, da economia. O espaço geográfico sempre tive bastante na escola, de tu ter noção de onde tu mora, onde tu sei lá... é isso assim, espaço né? (Vênus)

Tem um professor da outra aula que ele foi tirar uma dúvida e ele já abriu o Maps. Pô, dá uma... porque querendo ou não a gente tem formas diferentes de aprender e visualizando fica, pra mim, fica muito bom assim e isso é uma coisa interessante, tu não só ler ou ouvir, mas ver também que é muito bom. Gráficos, mapas, essas coisas sempre tem bastante nas aulas de Geografia, então é uma coisa bem, um ponto bem positivo assim. (Vênus)

Assim como já havia ressaltado anteriormente ao narrar sobre a Geografia escolar, Vênus frisa como o uso de diferentes linguagens durante a aula facilita o processo de ensino-aprendizagem na disciplina de Geografia da ONGEP.

4.4.5 A NARRATIVA DE JÚPITER

Júpiter afirma em sua narrativa não possuir nenhuma relação especial com a disciplina de Geografia da ONGEP. Todavia, lembra as aulas de Geografia Agrária como algo interessante e as aulas de Geologia por possuir um interesse prévio nesse conteúdo.

A disciplina de Geografia da ONGEP... eu não tenho nada contra. Não me interessa especialmente pela Geografia, mas eu acho muito interessante as aulas. Eu lembro das aulas daquele outro professor, acho que ele não é de Porto Alegre. [...] Aí eu me lembro da aula dos latifúndios que ele explicou sobre a... esqueci a palavra... sobre a produção no Brasil, sobre os grileiros, foi bem interessante, curti bastante. [...] Lembro que a gente teve uma aula com a [professora de Geografia] [...] de geologia e eu me interessa bastante por essa matéria em específico. [...] eu tenho uma coleção de pedras aqui... é o máximo que eu tenho [de proximidade com a Geografia]. (Júpiter)

A expectativa de Júpiter em relação à contribuição da disciplina de Geografia é de fornecer o conhecimento necessário para a aprovação no vestibular da UFRGS e no ENEM. Júpiter evidencia a dinâmica que Silva (2015, p.40) afirma a respeito da expectativa do e da estudante: “não há indício de que o estudante que busca o PVP com fins de transformação da sua conduta cidadã, mas sim como uma qualificação que torne possível seu ingresso no Ensino Superior”.

Ah vai ajudar a passar na UFRGS e no ENEM, acho que isso já é uma contribuição que eu tava esperando. Mas além disso, a história... ah o negócio lá que eu te falei que eu gostei, é sempre bom saber mais como o Brasil funciona, ou como tudo funciona, sempre bom saber. Mesmo que eu não vá botar em prática, sempre é bom saber...

Silva (2015, p. 46), no entanto, também relata que “a cidadania mostra-se como inerente à prática do professor no espaço do PVP.” A colocação de Silva é confirmada por Júpiter ao frisar que mesmo que não utilize os aprendizados na prática, a compreensão da realidade é sempre bem-vinda (que irá refletir em sua prática eventualmente).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão do papel da Geografia na educação popular não é inédita porém, mesmo com a existência de trabalhos abordando essa temática, minhas dúvidas sobre o papel da Geografia, e da minha prática como professor de Geografia da ONGEP, dentro do contexto da educação popular permaneceram. Sentia que faltava uma peça importante para complementar essa discussão: ouvir os e as estudantes. Afinal, em uma lógica bem Freiriana, não há docentes sem estudantes. Resgato aqui as perguntas que trago inicialmente neste trabalho: qual o papel da Geografia na educação popular? Qual o seu papel em um PVP? O que os e as estudantes pensam da aula de Geografia? Qual a importância da Geografia em suas vidas? Será que entendem a Geografia apenas como mais uma disciplina que deve ser estudada para obter aprovação no vestibular ou será que a Geografia atua para a sua formação cidadã? Como os e as estudantes entendem sua relação com a ONGEP? Busco respondê-las, não necessariamente nessa ordem, e também refletir sobre outras possibilidades.

Como um espaço de educação popular, a ONGEP possui um compromisso com o protagonismo dos e das estudantes. Refiro-me como protagonismo a valorização do e da estudante como parte essencial do processo de ensino-aprendizagem, a preocupação com o seu bem-estar, o reconhecimento como indivíduo (e como parte de um coletivo) para além da sala de aula. Valorização, essa, que muitas vezes foi negada durante a trajetória de estudantes na educação básica e até mesmo na educação superior.

Há também um compromisso por parte dos e das profissionais da ONGEP de uma prática de ensino afetuosa para a construção coletiva do conhecimento. É fundamental reconhecer os e as estudantes, como também nós docentes, como pessoas que têm sentimentos e emoções e trazer essa percepção para a sala de aula. Destaco a importância que os Núcleos de Apoio Psicopedagógico possuem para a ONGEP e para a constituição de uma educação popular pois, além do acolhimento psicopedagógico oferecido, a abertura para espaços de discussão e diálogo entre estudantes resgatou o sentimento de coletividade (que muitas vezes se perde no ensino remoto). De tal forma, esses compromissos que a ONGEP carrega refletem-se na percepção que os e as estudantes têm de sua relação com a instituição. Há a confiança no trabalho que os e as profissionais realizam no cotidiano da instituição e, principalmente, há uma responsabilidade mútua para a construção da educação popular

O papel da Geografia na ONGEP, e portanto na educação popular, acaba assumindo o papel de suprir as deficiências da Geografia da educação básica, seja pelas lacunas criadas pela precarização do ensino público que leva à falta de professores ou pelas práticas antipedagógicas centradas no conteudismo. A Geografia na educação popular assume uma responsabilidade que deveria ser do Estado, a de garantir um ensino crítico e de qualidade.

Em todas as narrativas, em algumas de forma mais evidente que outras, a importância da Geografia é frisada inúmeras vezes pelos e pelas estudantes durante essa pesquisa. É inerente a compreensão e apropriação do espaço como um compromisso da Geografia para a educação popular e principalmente para uma formação cidadã, e os e as estudantes demonstram isso em suas narrativas. Ao tomar consciência de suas realidades, de seus espaços vividos, os e as estudantes tomam conhecimento das diferentes escalas envolvidas na produção do espaço. Os e as estudantes adquirem um novo olhar, expandindo seus horizontes de ação, possibilitando a exposição das desigualdades presentes nos espaços e a reivindicação de seus direitos. A Geografia contribui na construção da cidadania de estudantes, fornecendo “as ferramentas necessárias” para que os e as estudantes sejam protagonistas da transformação de seus espaços. Inserida em um PVP, a Geografia tem o papel de formar estudantes e profissionais que levam consigo o aprendizado construído e a noção de cidadania para as diferentes áreas do conhecimento que os e as estudantes possam seguir. Há também a importância no

preparo para o vestibular, claro, mas parafraseando Saturno em um trecho de sua narrativa, a Geografia da ONGEP é “o ensino que te ensina pra vida”.

Netuno me fez perceber em sua narrativa que a Geografia tem como papel também, problematizar os próprios espaços de educação popular; como são distribuídos no espaço, territorialmente; quem tem condições de acessar esses espaços e quem não tem, e o porquê não tem; qual o entorno desses espaços e quais são as possibilidades de construção de saberes a partir dele; quais são as vantagens e os limites do ensino remoto; entre outros questionamentos que podem desenvolver-se em outras pesquisas, inclusive espero que esse trabalho contribua para isso.

Acredito que há um potencial enorme em um estudo mais aprofundado da identidade estudantil, seja estudante de educação básica, de pré-vestibulares populares ou de ensino superior. Precisamos reconhecer e valorizar nossos e nossas estudantes (e colegas!) na pesquisa acadêmica também, não como objeto de estudos mas como uma parte fundamental e ativa do processo de ensino-aprendizagem, principalmente se quisermos construir uma educação popular de fato.

Por fim, essa pesquisa foi fundamental para compreender melhor a minha prática docente e o papel que possuo, como educador e como professor de Geografia, não só na ONGEP mas também para a sociedade. Ainda possuo muitas dúvidas e questionamentos, além dos que já trouxe aqui, e são essas inquietações somadas ao compromisso que assumo para a construção de uma educação verdadeiramente popular que me fazem seguir em frente. A educação popular liberta e precisamos lutar por ela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da Educação**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 79–95, 2012. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 10 maio. 2022.

BENEVIDES, Maria Victória. Cidadania ativa e democracia no Brasil. **Revista Parlamento e Sociedade**, São Paulo, v. 4, n. jan/jun 2016, p. 21-31, 2016. Disponível em: http://www.camara.sp.gov.br/escoladoparlamento/wp-content/uploads/sites/5/2015/05/REVISTA_PARLAMENTO_SOCIEDADE_2016_NUMERO6_WEB_20161005.pdf. Acesso em: 10 mai. 2022.

BORGES, Galbênia Ferreira. A educação popular e cidadania: Perspectivas da educação popular e docência face aos desafios da alfabetização na educação de jovens e adultos-EJA. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 19, p. 218-232, 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. [S.l.]. Brasiliense, 2017. Disponível em: <https://www.ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 abr. 2023.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001

EDUCAÇÃO ADVENTISTA. [Site institucional]. Disponível em: <https://www.educacaoadventista.org.br/>. Acesso em 23 mar. 2023.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.editorapositivo.aurelio&hl=pt_BR&gl=US. Acesso em 10 mai. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. *E-book*.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 23. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

NÓVOA, António. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (org.). **História e Histórias de vida - destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 7-12.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. 2 ed. Natal: EDUFRRN, 2014.

ORGANIZAÇÃO NÃO-GOVERNAMENTAL PARA A EDUCAÇÃO POPULAR. **Roteiro para entrevista**. (Documento interno), 2022.

SADER, Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

PALMA FILHO, João Cardoso. Cidadania e educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 104, p. 101–121, 2013. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/719>. Acesso em: 10 mai. 2022.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 40, p. 72-89, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639807> Acesso em: 23 mar. 2023.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. **Pré-Vestibulares Populares em Porto Alegre: Na fronteira entre o público e o privado**. Orientadora: Marie Jane Soares Carvalho. 2007. 164f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10863>. Acesso em: 23 mar. 2023.

PEREIRA, Thiago Ingrassia; RAIZER, Leandro; MEIRELLES, Mauro. A luta pela democratização do acesso ao ensino superior: o caso dos cursinhos populares. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 1, 27 jan. 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2029>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SANTOS, Rita de Cássia Evangelista dos; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de Geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia, Ensino & Pesquisa**. [S. l.], v. 15, n. 3, p.167-184, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/7353>. Acesso em 23 mar. 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7. ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SILVA, Renan Darski. **Dos compromissos da geografia no pré-vestibular popular**. Orientador: Nelson Rego. 2015. 115f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/133664>. Acesso em: 10 mai. 2022.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 2, jul./dez., p. 289-297, 2010.

ZAGO, Nadir. Cursos pré-vestibulares populares: limites e perspectivas. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 149-174, jan./jun. 2008

ANEXO I - ROTEIRO PARA AS NARRATIVAS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS LITORAL NORTE
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

ROTEIRO PARA AS NARRATIVAS

1. Contextualizar o trabalho, o que é e o porquê de sua realização.
2. Explicar a dinâmica da entrevista.
3. Iniciar a entrevista.
 - 3.1 Me conte sobre você, quem é _____?
 - 3.2 Como foi sua trajetória escolar (sua relação com a escola, com os e as colegas, com os professores e as professoras)?
 - 3.3 Você consegue lembrar da sua relação com a disciplina de Geografia na escola? Alguma lembrança marcante?
 - 3.4 Como você chegou na ONGEP? O que te motivou para estar aqui?
 - 3.5 Você acha que a ONGEP contribuiu para sua vida? Se sim, como? (E para além do vestibular?)
 - 3.6 Como é sua relação com a disciplina de Geografia da ONGEP?
 - 3.7 O que mais se destaca para você na disciplina de Geografia?
 - 3.8 Você, em algum momento, a partir de uma aula de Geografia, estabeleceu alguma relação com seu cotidiano? Se sim, quais?
 - 3.9 A disciplina de Geografia contribuiu para sua trajetória de vida? Se sim, como?
 - 3.10 Quais mudanças você sugeriria para a disciplina de Geografia?
 - 3.11 Levando em consideração o que foi dito até agora, como foi a experiência do ensino remoto (no geral e para a disciplina de Geografia)?
 - 3.12 Você gostaria de falar mais alguma coisa, algum comentário, dúvida, etc?
4. Agradecer a participação e encerrar a entrevista.

ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

CAMPUS LITORAL NORTE

DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR

CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, abaixo assinado(a), autorizo **Douglas Wesley Pires Sarmiento**, estudante de Geografia do Campus Litoral Norte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações **por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título “O papel da Geografia na Educação Popular: Reflexões através das histórias de vida de estudantes de um pré-vestibular popular”** e está sendo orientado pela Prof.(a.) Dr.(a.). Aline de Lima Rodrigues. O entrevistado relatará, sob a forma de Histórias de vida e narrativas, fases importantes da sua trajetória pessoal e estudantil. A prática de ensino de uma educação considerada popular tem como base a construção de conhecimento a partir da realidade do e da

estudante. Essa compreensão da realidade expande a sua perspectiva de mundo, permitindo a identificação e apropriação do seu lugar no espaço e contribuindo para uma formação cidadã. Os pré-vestibulares populares (PVPs), além de fortalecerem o ingresso de classes populares ao ensino superior, também carregam o compromisso com essa constituição de cidadania para além da aprovação em vestibulares. Considerando a geografia como uma ciência que estuda o espaço e que está presente como disciplina nos PVPs, qual sua relação com a educação popular para a formação cidadã de estudantes? Este projeto pretende responder essa dúvida através da análise das histórias de vida de discentes do pré-vestibular popular da Organização Não-Governamental para a Educação Popular, buscando compreender se e como o ensino de geografia oferecido por essa instituição se faz presente em suas vidas. O objetivo geral deste projeto é entender o papel da geografia na educação popular através das narrativas das trajetórias de vida de estudantes da ONGEP. De forma específica, identificar nas falas dos e das discentes como se constitui o conhecimento geográfico em suas vidas e como a geografia faz parte da construção de sua cidadania e, demonstrar a relação entre a educação popular com a construção do pensamento geográfico de estudantes de um pré-vestibular popular.

As narrativas serão analisadas durante o Trabalho de Conclusão de Curso e expostas, sem referência nominal, na parte de análise dos resultados da pesquisa.

Sua participação é fundamental para o desenvolvimento metodológico do Trabalho de Conclusão de Curso.

Desde já, muito obrigado por participar.

Porto Alegre, de de 2022 .

Assinatura do entrevistado(a)

ANEXO III - CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO



AUTORIZAÇÃO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

CARTA DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO

O acadêmico Douglas Wesley Pires Sarmiento está realizando sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de curso do Curso de Geografia do *Campus* Litoral Norte, UFRGS, na linha de pesquisa: narrativas e autobiografias. Seu trabalho está intitulado **“O papel da Geografia na Educação Popular: reflexões através das histórias de vida de estudantes de um pré-vestibular popular”**. A prática de ensino de uma educação considerada popular tem como base a construção de conhecimento a partir da realidade do e da estudante. Essa compreensão da realidade expande a sua perspectiva de mundo, permitindo a identificação e apropriação do seu lugar no espaço e contribuindo para uma formação cidadã. Os pré-vestibulares populares (PVPs), além de fortalecerem o ingresso de classes populares ao ensino superior, também carregam o compromisso com essa constituição de cidadania para além da aprovação em vestibulares. Considerando a geografia como uma ciência que estuda o espaço e que está presente como disciplina nos PVPs, qual sua relação com a educação popular para a formação cidadã de estudantes? Este projeto pretende responder essa dúvida através da análise das histórias de vida de discentes do pré-vestibular popular da Organização Não-Governamental para a Educação Popular, buscando compreender se e como o ensino de geografia oferecido por essa instituição se faz presente em suas vidas. Em termos de objetivos, pretende-se de forma geral: entender o papel da geografia na educação popular através das narrativas das trajetórias de vida de estudantes da ONGEP. E especificamente: Identificar nas falas dos e das discentes como se constitui o conhecimento geográfico em suas vidas e como a geografia faz parte da construção de sua cidadania e, Demonstrar a relação entre a educação popular com a construção do pensamento geográfico de estudantes de um pré-vestibular popular. O cursinho pré-vestibular escolhido foi a Instituição Organização Não-governamental para a Educação Popular (CNPJ 05.150.631/0001-00). Desta forma, solicito a autorização da presente Instituição para que o acadêmico realize a pesquisa

ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL
 PARA EDUCAÇÃO POPULAR
 RUA ANDRADES, 691 SALA 11
 CENTRO, 91201-900 PORTO ALEGRE-RS
 CNPJ 05.150.631/0001-00

com estudantes do cursinho pré-vestibular. As entrevistas deverão ser feitas com 5 estudantes, definidos de acordo com a metodologia empregada na pesquisa, bem como, deverá ocorrer no segundo semestre do corrente ano. Por intermédio deste trabalho, esperamos contribuir para a formação continuada de professores de Geografia e na pesquisa com narrativas e autobiografias como fontes de estudos. Agradecemos a colaboração dessa Instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamos à disposição para esclarecimentos adicionais. A orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso acima descrito é a Profª Aline de Lima Rodrigues do Departamento Interdisciplinar, *Campus Litoral Norte*, da UFRGS.

Dia 07 de julho de 2022.

Aline de Lima Rodrigues

ALINE DE LIMA RODRIGUES

Professora do DIDA/CLN/UFRGS

Orientadora da Pesquisa

ANUÊNCIA:

Diomathom Nunes de Oliveira (Presidente) (nome completo e função na Instituição), juntamente com a gestão e coordenação, concordamos que os estudantes, do Organização Não Governamental para Educação Regular participem do presente estudo.

Porto Alegre, 13 de julho de 2022

Local e data

Diomathom Oliveira
Responsável e cargo Presidente

05.150.631/0001-00
ORGANIZAÇÃO NÃO GOVERNAMENTAL
PARA EDUCAÇÃO POPULAR
FUA DOS ANDRADAS, 691 SALA 11
CENTRO-CEP 91220-003
PORTO ALEGRE-RS